

VOZES EDITORA S.A. S.P.A.  
CADERNO

8

# Respostas aos Espíritas



EDITORA VOZES LIMITADA  
PETRÓPOLIS, R.J.



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 8

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

# Resposta aos Espíritas

IV EDIÇÃO

1960

EDITORA VOZES LIMITADA  
PETRÓPOLIS RJ

I M P R I M A T U R  
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.  
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO  
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-  
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-  
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 31-5-1960.

---

TÓDOS OS DIREITOS RESERVADOS

## RESPOSTA AOS ESPIRITAS.

*Certamente não vimos nem lemos todos os artigos que os espiritas do Brasil inteiro escreveram ultimamente contra nós e contra "a Igreja de Frei Boaventura". Mas vimos e lemos algumas centenas, publicados em jornais e revistas de todas as correntes e modalidades. Inteligentes, serenos e caridosos alguns poucos; fracos, fraquíssimos, estúpidos, ofensivos outros muitos; a maioria contentou-se com repetir, muitas vezes ao pé da letra, passagens dos livros de Allan Kardec, Leão Denis, Leterre, "Padre" Alta e do livro mediúnico Roma e o Evangelho. A fonte principal das invectivas espiritas contra a Igreja é Leão Denis. Mas, no fundo, cada artigo espirita contra a Igreja resume-se, infalivelmente, em repetir um certo e bem determinado (e, aliás, bastante limitado) número de objeções doutrinárias e históricas. A inquisição, Galileu Galilei, Joana d'Arc, Giordano Bruno, os maus Papas, os escândalos do clero e uns poucos casos mais, reaparecem, com uma certeza de noventa por cento, em cada artigo de espirita que se lembra de escrever contra a Igreja. Não há originalidade no ataque. São as histórias de sempre, levantadas, há tempo, por protestantes, liberais e racionalistas. Herdeiros, principalmente, dos racionalistas franceses do século passado, os nossos espiritas fatalmente reproduzem também os velhos ataques contra o mistério, contra o que eles chamam de "fé cega" e contra o caráter dogmático da Doutrina Cristã. Subjetivistas, declaram o homem autônomo e livre da autoridade e da tradição; naturalistas, propagam que as leis da natureza nunca são "violadas" por uma intervenção divina, pelo que contestam "a priori" qualquer milagre; evolucionistas extremos, admitem uma evolução natural e lenta não só da natureza, mas também das idéias e da religião, com o que excluem, também "a priori", uma revelação por parte de Deus;*

*racionalistas, eliminam dos Evangelhos qualquer elemento sobrenatural e rejeitam como falso o que não podem compreender. Com uma sem-cerimônia de espantar, riscam dos Evangelhos o que bem lhes agrada e acrescentam à História "factos" que nunca aconteceram. Dizem-se crentes, mas não aceitam a fé; timbram de cristãos, mas rejeitam o Batismo e a própria Divindade de Cristo e todas as verdades sobrenaturais por Ele reveladas; alardeiam caridade, como se dela tivessem o monopólio absoluto, mas ardem em ódio figadal ao Papa, aos Padres e ao Catolicismo.*

*De todos estes numerosos artigos espíritas recolhemos as principais dificuldades contra a fé católica e os mais repetidos ataques contra a Igreja de Cristo, e procuramos dar uma resposta serena e objetiva. Evitamos a polémica direta e por isso nunca citamos nenhum dos autores espíritas que se dignaram escrever contra nós, nem mencionamos os jornais ou as revistas em que foram publicados. Não pretendemos nem convencer, nem converter os que nos atacaram ou provocaram. Têm eles sua liberdade! Procuramos mostrar apenas que a posição católica não é tão absurda assim como os espíritas a apresentam, deturpada e caluniada. Destinam-se as presentes linhas principalmente àqueles católicos que, não possuindo suficientes conhecimentos filosóficos, religiosos e históricos, leram contudo ou ouviram os impiedosos ataques espíritas contra a Igreja, perturbando-se com isso, talvez, sua fé e confiança nesta maravilhosa Instituição de Cristo, que é a Igreja Católica.*

*Por motivos técnicos reduzimos as páginas desta nova edição (pois a terceira se apresentava com 152 páginas). Algumas questões, como a Inquisição, o caso Galileu Galilei, a Divindade de Cristo e outras, foram tratadas mais amplamente em cadernos especiais desta coleção, como o leitor poderá verificar percorrendo a lista dos cadernos já publicados. Outras receberam novo desenvolvimento nas obras O Espiritismo no Brasil, A Umbanda no Brasil e O Reencarnacionismo no Brasil.*

## OS MISTÉRIOS DOS CATÓLICOS.

*Quando se nos quer impingir um princípio incompreensível ou uma tese que não convém esmiuçar, dá-se-lhe o nome de mistério e proibem-se indagações. E' a escuridão. Proscreeve-se a análise, a elucidação, o livre exame, o estudo. . .*

Quantas vezes tivemos que ler frases como estas! Só porque defende o mistério, a Igreja é acusada de mil crimes contra a razão humana. E é, no entanto, precisamente a razão humana que nos diz que deve haver mistérios. Queiram os espíritas acompanhar o seguinte raciocínio: Deus é infinito em todos os seus atributos, é a Sabedoria infinita, que sabe tudo e tudo compreende; nós homens, por mais evoluídos que nos reputeamos, somos sempre limitados e não vemos, nem sabemos, nem compreendemos tudo. Estas duas afirmações são perfeitamente razoáveis. O próprio Allan Kardec haveria de subscrevê-las, como veremos logo mais. Mas daí segue que podem existir verdades conhecidas e perfeitamente compreendidas pela Sabedoria Incriada (Deus) e que a inteligência criada e limitada (o homem) não atinge em sua essência. Ainda isso é altamente razoável. Continuemos, pois, no pensamento: E' possível ainda que Deus revele aos homens a existência de certas verdades que, de per si, só Ele conhece, e sem revelar-nos a natureza íntima desta mesma verdade. Ora, suponhamos que Deus, em sua bondade e condescendência, de fato nos revele semelhantes verdades, — qual deveria ser então a atitude do homem perante tais revelações? Seria razoável pôr em dúvida a veracidade ou a sabedoria de Deus? Certamente não. A própria razão humana, por conseguinte, nos manda tomar a seguinte atitude diante de Deus: O homem aceita, de joelhos e agradecido, o que Deus lhe revela, mesmo que o não consiga compreender perfeitamente. Até no mundo material há inúmeros fatos de cuja *existência* não se pode razoavelmente duvidar, mas cuja *essência* ou

natureza íntima nos permanece oculta. E', por exemplo, verdade certa de que *existe* a vida, mas até hoje ninguém conseguiu explicar satisfatoriamente sua *essência* ou natureza. Louco seria quem negasse a vida ou a eletricidade como *fato* só porque não lhe compreende a essência. Semelhantemente há, no mundo material em que vivemos, um sem-número de fatos ainda inexplicáveis e não raras vezes até aparentemente contraditórios. Basta perguntar aos especialistas em biologia, em física, em química, etc. Ora, todo homem razoável, ainda mais o espiritualista que, como os espíritas, admite a existência dum mundo espiritual e dum vida do homem depois da morte, deve conceder que também neste mundo espiritual podem existir fatos semelhantes. E, pois, se Deus nos revela misericordiosamente a *existência* de tais fatos, sem nos falar claramente de sua *essência*, competirá a nós homens aceitá-las *como fatos*, muito embora sejam talvez de difícil compreensão. Sumamente irrazoável seria rejeitá-los.

Pois bem, quando os católicos empregam a palavra "mistério", eles entendem precisamente o seguinte: é uma verdade divinamente revelada (como fato), cuja compreensão ou natureza, em parte ou em todo, supera, transcende ou ultrapassa as capacidades naturais da razão humana. Tais mistérios, porém, podem ser estudados, analisados e esmiuçados à vontade (e esse trabalho recebeu o nome de Teologia e nunca foi proibido pela Igreja, digam embora os espíritas mil vezes o contrário), mas sob uma condição fundamental: que não se negue o fato. O mesmo acontece no mundo material: Estabelecido, por exemplo, que existe a eletricidade (fato), a razão humana começa o trabalho de investigação, análise e estudo para explicar a natureza deste fenômeno; mas também aí permanece a regra fundamental: que não se negue o fato.

Um exemplo de mistério teológico: Deus nos revelou (por Cristo Jesus) que os que morrerem impenitentes e maus, "irão para o suplício eterno" (Mt 25, 45), segundo uma expressão muitas vezes repetida por Cristo. Daí tiramos a conclusão: a existência de um estado e lugar de "suplício eterno", chamado também por Jesus "inferno", é um *fato*. Por



outro lado sabemos também que Deus é infinitamente bom e misericordioso; é outro *fato* inegável. Deus revelou evidentemente estes dois fatos. Daí surge o problema teológico: como combinar os dois mencionados fatos? Todo o mundo (inclusive os teólogos católicos) concede que estamos diante dum problema de difícil solução. Os espíritas pensam resolver o problema *negando o primeiro fato revelado* (isto é: existe um inferno). Mas isso não é solução nenhuma. E' absolutamente fundamental ater-se aos fatos. O católico acabará talvez dizendo: "Não vejo solução clara; é um *mistério*", mas continuará aceitando como certos ambos os fatos, pois que ele vê que ambos foram revelados por Deus, que não se engana nem nos pode iludir. O católico não duvida dos fatos, mas pode ter mil dificuldades. Duvidar e ter dificuldades são coisas mui diferentes. E' irracional e indigna do homem a atitude dos católicos? Absolutamente não! Irracional é a posição dos espíritas que nega um fato evidente, porque, como tal, garantido pela autoridade divina. Irracional é a exigência dos espíritas, quando reclamam com Allan Kardec: "E' preciso que a razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar". Com este princípio os espíritas não deveriam nem aceitar a eletricidade...

Aliás, Allan Kardec, apesar de ter escrito que "para o Espiritismo não há mistérios" (*Obras Póstumas*, 10ª ed. p. 201), escreveu também as seguintes palavras muito bem pensadas e muito racionais e cristãs: "O homem, cujas faculdades são restritas, não pode penetrar, nem abarcar o conjunto dos desígnios do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses factícios e convencionais que criou para si mesmo e que não se compreendem na ordem da Natureza. Por isso é que, muitas vezes, se lhe afigura mau e injusto aquilo que considera justo e admirável, se lhe conhecesse a causa, o objetivo, o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, verificará que tudo traz o sinete da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação ao que não lhe seja compreensível" (*A Gênese*, ed. de 1949, p. 67). O grifo é nosso para mostrar que, mesmo segundo Allan Kardec, podem existir o que denominamos mistérios e que, por con-

seguinte, não é necessário nem mesmo possível que a “razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar”. Ainda outras vezes fala Kardec do mesmo modo: “Há muitas coisas — escreve ele em *O Livro dos Espíritos*, 22ª ed. p. 79 — que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais”. E outra vez: “Deus pode revelar o que à Ciência não é dado apreender” (ib. p. 56). Ele fala também do “orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja coisa alguma que lhes esteja acima do entendimento” (ib. 105). E mais: “Dos efeitos que observamos, podemos remontar a algumas causas. Há, porém, um limite que não nos é possível transpor. Querer ir além é, simultaneamente, perder tempo e cair em erro” (*Obras Póstumas*, 10ª ed. p. 31). E queremos citar mais este texto áureo: “Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mal. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. E’ defeito sobre que mais se iludem os homens” (*O Livro dos Médiuns*, 20ª ed. p. 280). Não teriam sido também ele, Kardec, e seus adeptos, vítimas deste defeito? Qual é, no fundo, a razão por que rejeitam a divindade de Cristo, a Santíssima Trindade, o inferno e outra longa série de verdades ensinadas por Cristo? Não é simplesmente por que “não compreendem”? por que lhes “contradiz a maneira de ver”? Mas, diz ainda com muito acerto o mesmo Allan Kardec, “o primeiro indício da falta de bom senso está em crer alguém infalível o seu juízo” (*O Livro dos Espíritos*, p. 44); e: “o homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas idéias são as mais falsas, se apóiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível” (Ib. p. 28). Kardec condenou-se a si mesmo e aos espíritas em geral quando escreveu: “Em geral os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dele formam, pensam que Deus não

poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam” (*A Gênese*, p. 77). E mais: “Os homens de saber e de espírito, tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal e julgando-se aptos a compreender tudo, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, 39ª ed. p. 109).

Aí temos, pois, Allan Kardec, o defensor do mistério... Repitamos com Kardec: “Procuremos em tudo a justiça e a sabedoria de Deus e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento” (*A Gênese*, p. 78). E’ exatamente a noção católica do “mistério”.

### “FÉ CEGA E IMPOSTA”.

*O Católico brasileiro já não raciocina com a cabeça alheia, já não aceita o regime da fé cega, imposta pela Igreja que nega até o direito de procurar-lhe os fundamentos.*

Não é certamente a declaração de um verdadeiro e sincero católico brasileiro, mas desses católicos que o são apenas de nome, e que na realidade são espíritas, isso é, anticatólicos. Temos aí três acusações a serem tomadas em consideração: 1) que a nossa fé católica é cega, 2) que ela nos é imposta pela Igreja e 3) que somos proibidos de investigar os fundamentos de nossa fé. Vejamos tudo isso.

1) *E’ cega a fé dos católicos?* Pode esta cegueira ou obscuridade referir-se a duas coisas: ou ao *objeto* de fé, ou aos seus *motivos*. Se os espíritas querem dizer que é cega a nossa fé porque cremos sem motivos suficientes, então estão erradíssimos e mostram grande ignorância. Falaremos logo mais sobre isso. Mas se eles pensam que a nossa fé é cega porque é obscuro seu objeto, aí eles têm razão. Isso, todavia, de modo nenhum pode ser censurado. E’ essencial à fé. E’ por isso que o *crer* se contrapõe ao *ver*. Quantas coisas nós cremos sem ver e só por testemunho humano! Ir-razoável, blasfemo e pecaminoso seria não crer na palavra de

Deus, apesar de saber que Deus falou e que é infinitamente sábio e veraz.

2) *A fé nos é imposta pela Igreja?* Absolutamente não! A Igreja apenas continua a missão de Cristo e dos Apóstolos: "Ide, ensinai a todas as gentes a observar tudo o que vos tenho mandado" (Mt 28, 20); "quem crer e for batizado, será salvo; quem não crer, será condenado" (Mc 16, 16). Cumprindo esta sua missão, a Igreja *propõe* a doutrina e os mandamentos de Cristo. O ato de fé deve ser sempre livre e espontâneo da parte de quem o aceita. Queres salvar-te? pergunta a Igreja ao homem. — Então crê o que Cristo ensinou. Não queres crer? — Não te obrigo contra tua vontade; mas não te salvarás... "Quem não crer será condenado". É palavra de Cristo, do Salvador e não da Igreja. Ela apenas repete.

3) *Somos proibidos de procurar os fundamentos de nossa fé?* Isso é repetido mil vezes pelos espíritas, ou porque são ignorantes, ou porque querem caluniar. Dizem que nós não pensamos nem estudamos; que nós cremos sem nada examinar, sem verificar o conteúdo da nossa fé; que qualquer indagação um pouco mais aprofundada dos nossos dogmas teria como resultado uma mão cheia de verdades quebradas, desconexas, contraditórias, irracionais, etc.; que, portanto, nós aceitamos as idéias mais abstrusas, não nos preocupando nem com a lógica, nem com o bom senso, nem tendo a menor idéia das recentes descobertas feitas pelas ciências exatas; que nós nos entrincheiramos pertinazmente atrás dos dogmas, tendo um pavor imenso de qualquer pessoa que sabe pensar e cerrando obstinadamente os olhos para não ver os resultados dos estudos modernos. Assim podemos ler em Leão Denis que a Igreja Romana, durante quinze séculos, sufocou o pensamento; que ela sempre se esforçou por impedir o homem a usar do direito de pensar; que ela se nos apresenta despoticamente com as palavras "crê e não raciocines; ignora e submete-te; fecha os olhos e aceita o jugo" (*Cristianismo e Espiritismo*, 5ª ed. p. 126 s).

Mas a verdade é que a Igreja, desde o princípio, tem favorecido de todos os modos o estudo sério e aprofundado

das verdades da fé. Homens houve, inteligentes, sérios e santos, em todos os tempos, que, amparados e fomentados pela Igreja, dedicaram a vida inteira ao estudo das verdades da fé. A ciência que se dedica a este estudo chama-se Teologia. E só o ignorante em história pode repetir as acusações ineptas de Denis. Nunca a Igreja proibiu ou impediu a investigação séria da fé. Os livros para estudar as bases da fé católica estão à disposição de todos. E a Igreja insiste mesmo nestes estudos. Pois ela bem conhece a admoestação do Príncipe dos Apóstolos: "Guardai santamente em vossos corações a Cristo Senhor, sempre prontos a satisfazer a quem quer que vos peça razões da esperança que vos anima" (1 Pd 3, 15). E quanto mais penetramos nas verdades que Deus se dignou de nos revelar, tanto mais nos sentimos seguros de abraçar a verdade; quanto mais estudamos sobre os dados da fé, tanto mais exultamos na santa alegria de filhos de Deus; quanto mais enfrentamos as objeções que a impiedade e o orgulho dos homens sem fé nos lança em rosto, tanto mais nos vemos confirmados naquilo que Deus realmente nos falou. Não! não temos motivos para envergonharmos da nossa fé, nem precisamos temer os ataques da incredulidade. Não é a verdadeira ciência que conduz os homens à apostasia: é a falta de estudos sérios, é a vida desregrada, é o coração desprendido de Deus e demasiadamente apegado aos bens passageiros que leva à perda da fé e à incredulidade. A inteligência esclarecida, o coração reto e a vida imaculada só podem levar a Deus e à fé em Deus. Não, a nossa fé não é irracional nem nos proíbe o raciocínio. Não, a Igreja não impede o estudo, nem cremos que algum dos nossos leitores jamais terá recebido semelhante proibição. Se há católicos que não mostram interesse por sua fé; se existem até intelectuais que se dizem católicos e que desconhecem as noções mais elementares de sua fé, a culpa não será da Igreja que lhes proibiu esse estudo ou lhes sonegou os necessários livros, mas a culpa será deles mesmos: o seu desinteresse pelas coisas santas e a sua negligência em se instruir, é que são os únicos responsáveis.

4) *Mas a Igreja proibe até a leitura da Bíblia!* Falsíssimo. Semelhante afirmação, além de implicar uma injuriosa calúnia, é outro atestado de grande ignorância. A Igreja até recomenda vivamente a leitura diária da Sagrada Escritura. Eis algumas recomendações dos últimos Papas: “Os mais preciosos serviços — diz Bento XV — são prestados à causa católica por aqueles que, em diferentes países, puseram e põem ainda o melhor de seu zelo em editar, sob formato cômodo e atraente, e em difundir os livros do Novo Testamento e uma seleção dos livros do Antigo”. E um pouco antes dissera: “Nunca cessaremos de exortar todos os cristãos a fazerem sua leitura cotidiana principalmente dos santíssimos Evangelhos de Nosso Senhor”. E Pio XII admoesta aos Bispos que “favoreçam e auxiliem as associações que têm por fim difundir entre os fiéis exemplares da Sagrada Escritura, particularmente dos Evangelhos, e procurar que nas famílias cristãs se leiam regularmente todos os dias com piedade e devoção”.

Quando, na cidade de Franca (SP), relembramos aos fiéis a excelência da leitura quotidiana da Sagrada Escritura, um dos chefes espíritas daquela cidade, que esteve presente, atônito e pasmado, escreveu depois no jornal espírita local: “O reverendo, no auge da inspiração que desce do além, em gestos de piedade arrasadora, ordena aos católicos a leitura da Bíblia!!! Sim, ouvimos bem: os católicos devem ler pelo menos o Novo Testamento! Estranho! Parece piada de esquina! Deve ser coisa do outro mundo ou influência das trevas! Pela primeira vez ouvimos um padre aconselhar aos seus fiéis o manejo de arma tão perigosa contra os alicerces da Sua Igreja! Será possível? Ler a Bíblia, principalmente o Novo Testamento, onde a doutrina Cristã se encontra na sua simplicidade primitiva, límpida, pura, sem alterações, sem dogmas, sem ritos e sem as efêmeras grandezas dos infalíveis e dos santos? Será possível tamanha transformação? Qual será o objetivo oculto? Não será um ardil, um hábil stratagema? Quem sabe! Por certo alguma finalidade haverá. Estamos de fato na era das grandes definições. Algo deve estar pairando sobre nossas cabeças, sobre o destino da humanidade. Autorizar a lei-

tura do Evangelho, sem perigo de excomunhão, de heresia, de calabouço e outros divertimentos do período áureo, luminoso, das fogueiras? Como pode ser isso? Será que o ilustre padre, ao proclamar semelhante permissão, estaria no uso pleno de suas brilhantes faculdades mentais? Sim, ele está com a razão perfeita, nós é que somos fracos da bola...”

Pois não...

E pessoas, que até esse ponto confessam sua ignorância das coisas católicas, escrevem artigos e pronunciam conferências contra a Igreja... Retornasse agora Dom Quixote, numerosos colegas encontraria a batalhar, com ele, contra autênticos moinhos de vento...

### A LIVRE INTERPRETAÇÃO.

*Achamos que religião não se deve discutir. Abram-se as portas dos templos, puguem-se as verdades das Escrituras e do Evangelho, e o povo que descida de acordo com os seus sentimentos. — Defendemos a liberdade de cada um crer a seu modo e cultivar Deus segundo a sua maneira de crer.*

Será que o autor destas linhas cogitou com seriedade no que a pena escrevia? Terá ele refletido nas consequências de semelhante princípio? Pois temos aí a forma mais extrema do subjetivismo sentimental; temos o relativismo levado ao absurdo; temos a negação em princípio de todas as verdades absolutas; temos a capitulação definitiva da razão em favor do puro sentimento; temos o liberalismo religioso em sua formulação mais crassa e nua; temos a contestação radical dos valores eternos do Evangelho. Imaginemos Cristo pregando sobre as Três Pessoas em Deus, sobre a necessidade de perdoar aos inimigos, sobre a recompensa ou punição na outra vida, sobre a necessidade de crer em suas palavras, sobre a obrigação de se fazer batizar e de comer a sua carne e beber o seu sangue, etc. E de repente aparece aí o nosso espírito para aplicar o seu princípio: Alto lá! Liberdade! Isso assim não! Cada um vá para casa e “decida de acordo com os seus sentimentos”!... E lá se vão os atentos ouvintes: um deles: “sente” que isso de Três Pessoas em Deus

não é verdade; outro "sente" que não precisa de perdoar aos inimigos; mais um terceiro "sente" que vai reencarnar; fulano "sente" que não tem nenhuma necessidade de batismo; sicrano "sente" que aquilo do inferno é puríssima alegoria; beltrano "sente" que não, que deve ser assim mesmo; mais outro "sente" que vai logo direitinho para o céu, sem mais formalidades; e assim por diante, cada qual decidindo "de acordo com os seus sentimentos"... Que tal? E Jesus, satisfeitíssimo com o estrondoso efeito de seus ensinamentos...

E o nosso espírita continua: *Paulo determinou que cada um examinasse as Escrituras e escolhesse o que lhe parecesse bom.* Infelizmente, seguindo aliás um costume muito geral entre os espíritas, nosso improvisado exegeta deixou de indicar o lugar exato em que o grande Apóstolo teria dito tão grande disparate. E garantimos, pelo único botão do nosso burel, que esta frase é puríssima invenção e não se encontra em parte nenhuma das epístolas paulinas. Depois dessa falsa citação segue a triunfante conclusão: *Cada um escolha de acordo com a sua compreensão, e não de acordo com a compreensão alheia.* Para então rematar com mais esta calúnia: *Entretanto, as Escrituras foram por muito tempo guardadas e sonegadas ao exame, como a luz debaixo do alqueire, até que a Reforma viesse levantar o pesado alqueire e abrir as Escrituras.*

Também Allan Kardec proclama enèrgicamente esta mesma "liberdade", declarando que o "direito de examinar pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém as atreverá a tocar com a ponta do dedo sem correr o risco de ser fulminado". Os espíritas querem, no dizer de Leão Denis, "por si mesmos, achar a solução dos grandes problemas e a fórmula do seu Credo". Toda essa atitude é uma herança da revolta de Lutero e chama-se "teoria da livre interpretação". O próprio Lutero bem depressa verificou dolorosamente que o resultado de tudo isso é que, segundo uma expressão dele mesmo, "há tantos credos, quantas cabeças". E' inevitável. E' o que estamos vendo entre os protestantes. Com o princípio da livre interpretação a Bíblia tornou-se um dos livros mais perniciosos da humanidade. Ca-



da um encontra um texto para os seus desejos e caprichos — e pronto: é um perfeito “cristão”! Lutero descobre na Escritura um texto que autoriza o landgrave de Hesse a tomar segunda mulher; Henrique VIII não encontra dificuldades para interpretar favoravelmente as passagens que se referem ao divórcio; Carlostadt sustenta com a Bíblia em mão que a poligamia pode ser lícita; Allan Kardec descobre aí a doutrina da reencarnação; outro encontra que Jesus foi fazer uma sessão espírita no monte Tabor... E' uma consequência lógica daquele princípio protestante, sustentado e propagado também pelos espíritas: que cada um tem o direito de interpretar a Bíblia a seu modo e segundo o seu talento. A isso chegaremos infalivelmente enquanto sustentarmos que qualquer alfaiate ou negociante da esquina, sem maiores estudos e conhecimentos, tem o direito e liberdade de fazer exegese e decidir de acordo com os seus próprios sentimentos, ou a sua compreensão.

Mas essa mesma confusão prova que o princípio da livre interpretação não pode estar certo. Se a Bíblia vem de Deus — e não temos dúvida a esse respeito — então deve ter o seu valor objetivo, igualmente válido para todos, quer queiram quer não. Se Jesus disse, por exemplo, “quem crer e for batizado, será salvo; quem não crer será condenado”, então estas palavras devem ter um certo e bem determinado sentido, intencionado por Cristo e todo o mundo deverá ou aceitar este sentido ou renegar a Cristo e assumir as consequências desta sua atitude. Já São Pedro verificou o efeito desastroso da exegese feita por sapateiros e alfaiates: “Nosso caríssimo irmão Paulo vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada, como também faz em todas as suas epístolas, nas quais há algumas coisas difíceis de compreender, que a gente ignorante e mal segura (os sapateiros e alfaiates, etc.) interpretam falsamente, para sua própria perdição, como também fazem com as outras Escrituras” (2 Pd 3, 16). Isso também está na Bíblia!

## “TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS”?

*Todas as religiões são boas e iguais, em essência, perante Deus. — Não somos contra nenhuma religião, pois julgamos todas boas. — Todas levam, por diversos caminhos, para o mesmo fim. — É tudo água da mesma fonte. — A religião é uma questão de ética e não de doutrinas. — Basta fazer a caridade. — Etc.*

Se Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, nada nos tivesse revelado a respeito do modo como chegar a Ele; se Deus tivesse deixado os homens em absoluta ignorância a respeito da vida após a morte; se não houvesse nenhum mandamento positivo de origem certamente divina; se o Verbo Eterno não tivesse assumido a natureza humana e “habitado entre nós” (Jo 1, 14); se Cristo não tivesse percorrido a Galiléia e Judéia “ensinando” (cf. Mt 5, 2; 13, 54; Mc 1, 21; 2, 13; 4, 2; 10, 1; Lc 4, 15; 4, 31; 5, 3; Jo 7, 14; 8, 2; etc.); se Cristo Jesus fosse apenas um mito inventado por algum fantasia piedosa; ou se Cristo não tivesse dado nenhuma outra ordem senão que nos “amásemos uns aos outros”; ou se Cristo não tivesse enviado os Apóstolos pelo mundo com a ordem solene e expressa de “pregar a todos os povos o seu Evangelho” (Mc 16, 15), nem tivesse dado ordem de “ensinar a todas as gentes a observar *tudo* que ele mandara” (cf. Mt 28, 18-20); se Jesus não tivesse prescrito tantas outras coisas como absolutamente necessárias “para a vida eterna” (alguns exemplos: Jo 3, 5: “Quem não renascer pela água e o Espírito *não pode entrar no reino de Deus*”; Jo 3, 36: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, pelo contrário, descrê do Filho *não verá a vida, mas pesa sobre ele a ira de Deus*”; Jo 6, 53: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, *não tereis a vida em vós*”; Jo 15, 6: “Quem não ficar em mim, *será lançado fora como o sarmento e secará*”; Lc 13, 3: “Se não vos converterdes, *perecereis todos*”; Lc 9, 23: “Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz, dia por dia, e siga-me”; Lc 14, 27: “Quem não carregar a sua cruz e me seguir, *não pode ser meu discípulo*”; Lc 14, 33: “Não pode nenhum de vós ser meu discípulo, se não renun-

ciar a tudo quanto possuí”; Mt 10, 38: “Quem não tomar a sua cruz e me seguir, não é digno de mim”; Mc 16, 16: “Quem crer e for batizado, será salvo; mas quem não crer, *será condenado*”; etc.); se não estivesse tão claramente anunciado que “não há salvação senão nele (em Cristo), porque debaixo do céu não foi dado aos homens outro nome em que nos cumpra operarmos a nossa salvação” (At 4, 12); — se não fosse tudo isso, então, sim, poderíamos, talvez, dizer que todas as religiões são boas. Mas como sabemos e temos certeza de que “muitas vezes e de modos diversos falou Deus, antigamente, aos nossos pais pelos profetas; nos últimos dias, porém, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro universal” (Hb 1, 1-2); mas como sabemos que “toda a Escritura *divinamente inspirada* é útil para ensinar... a fim de que o homem seja perfeito” (2 Tim 3, 15 s); mas como sabemos que os autores sagrados da Bíblia “falaram de Deus por impulso do Espírito Santo” (2 Pd 1, 21); mas como sabemos que Cristo nos deu tantas e tão várias ordens, de que fez depender a nossa salvação eterna; — devemos afirmar e conceder que nem todas as religiões são boas e iguais, em essência, perante Deus. Quem é o homem para levantar-se contra Deus ou contra seu Filho Unigênito? Se Deus estabeleceu positivamente meios de salvação, se prescreveu e indicou caminhos de chegar a Ele, se deu ordens expressas e bem determinadas, se fez declarações terminantes neste sentido, então é justo e necessário que o homem obedeça e siga as prescrições divinas. Fazer e propagar o contrário, seria revolta aberta contra Deus. E infelizmente há pessoas assim que se levantam contra o Criador. São João abre o seu Evangelho com uma grande mensagem que, ao mesmo tempo, contém gravíssimas denúncias: “No princípio era o Verbo... e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas pelo Verbo... Nele estava a vida; e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, *mas as trevas não a compreenderam*... Veio ao mundo a luz verdadeira que ilumina a todo o homem. Estava no mundo; o mundo foi feito por Ele; *mas o mundo não o conheceu*. Veio ao que era seu, *mas os seus não o receberam*. A todos, porém, que o receberam deu-lhes o poder de se tornarem fi-

lhos de Deus — os que crêem no seu nome, os que nasceram... de Deus. F. o Verbo se fez carne e habitou entre nós". E' evidente que este Verbo, que "era Deus" e a "luz do mundo", é Cristo Jesus. Os espíritas contestam obstinadamente que o Verbo "era Deus" e por isso são do número daqueles que não o compreenderam, nem o conheceram, nem o receberam...

Dizer, pois, com os espíritas, que todas as religiões são boas, que não é preciso seguir a mensagem do Verbo, e  *toda* a mensagem, que basta a caridade somente, que todas as religiões levam, por diversos caminhos, para o mesmo fim, e outras frases semelhantes, é revoltar-se contra Deus e contra Cristo.

Respondam-nos, portanto, os espíritas às seguintes perguntas: Se todas as religiões são boas e iguais em essência, por que então veio Cristo, Ele mesmo, ensinar-nos uma nova religião? apenas para atrapalhar os homens? Por que então insistiu Cristo tanto na necessidade da fé em suas palavras? Por que mandou Ele os Apóstolos pregar a todos os povos (que já tinham uma religião!) o Evangelho d'Ele? apenas para aumentar a confusão? Por que então declararam os Apóstolos que "não há salvação senão em Cristo" (At 4, 12)? Se é verdade que todas as religiões são boas e iguais, então foi imperdoável a exigência de Cristo em fazer de todos os homens discípulos d'Ele; então foram uns bobos aqueles numerosos mártires que preferiram morrer a renegar os ensinamentos de Cristo, para aderir a outra religião; então foram uns insensatos os Apóstolos e os missionários de todos os tempos, que, entre mil perigos e longe da pátria, correram e ainda hoje correm mundo para levar a todos a mensagem cristã. Se é verdade que todas as religiões são boas e iguais, por que então não deixam os espíritas aos brasileiros a religião católica que mais de 90% afirma ter? Ou será que, segundo eles, todas as religiões são boas, menos a católica? Ou pensam eles que o Brasil é um país sem religião alguma?

Se é verdade que todas as religiões são boas e iguais em essência, por que proclamou então Allan Kardec que "o

Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana" (*Obras Póstumas*, 10ª ed. p. 277)? por que então escrevem os nossos espiritas que o Espiritismo "não deve ser substituído por nenhuma outra religião ou seita, e deverá, com o correr dos tempos e com o esclarecimento da inteligência dos homens, ficar sendo a *única religião*" (*Umbanda em Julgamento*, Rio 1949, p. 16)? por que então professaram no segundo Congresso Espírita Pan Americano "que nós outros, que vivemos no Brasil, ligados à Doutrina Espírita, consideramo-la a *Religião*"? Por que então declarou a *Revista Internacional do Espiritismo*, em artigo redacional (Agosto de 1952, p. 126) que "dogmas, sacramentos, cultos externos serão queimados, como varas secas, no fogo ateadado pelo Espiritismo"?

Se todas as religiões são boas e iguais, então a vida mortificada dum São Pedro de Alcântara, glorioso padroeiro do Brasil, vale tanto aos olhos de Deus como a de um sultão turco no seu harém com 150 mulheres! Então Moisés, Brama, Marte, Júpiter, Lutero, Buda e Cristo (perdão, meu Deus!), todos merecem em igual medida os nossos respeitos! Então tanto faz se eu com as Aztecas sacrifico milhares de vidas humanas, ou com outros adoro um touro, um gato, uma cegonha, o sol, a lua ou com os Satanistas do Rio de Janeiro me dirijo nestas palavras a Satanás: "Senhor! Senhor! Glória da terra! Tu que aclaras os pobres homens, Fonte de ouro, misterioso Guarda das criptas e dos antros; Tu que moras na terra onde o ouro vive; Causa dos pecados; Amparo da carne; Delírio único; Fim da vida; — deixa que te adoremos! Não te exterminaram as sotainas baratas, não te perdeu o Outro (Cristo!), não se acabará nunca teu poderoso império, ó Lógica da Existência, estás em toda a parte, és o Desejo, a Razão de ser, o Espasmo! Ouve-nos, aparece, impera! Não vês na cruz o larápio que roubou a tua lábria e o teu saber?... Nós todos prostrados adoramos-te, diante do impostor, do mentiroso, desse que aconselha a renunciar à Carne! Que venha o dinheiro, que venha a Carne... O Rei poderoso das satisfações, os que te acreditam, abandonam as cobardias da vergonha, as pragas do pavor e a estupidez da resignação..."

Tudo isso será bom e igual, em essência, perante Deus?...

## A IGREJA DE CRISTO.

Não querem os espiritas admitir que Cristo tenha fundado uma Igreja. *Cristo* — dizem — *não quis nenhuma associação religiosa e nunca pensou em fundar uma Igreja visível, com Papas e padres.*

Convidamos os caríssimos irmãos separados pelo Espiritismo de folhear conosco não “O Evangelho segundo o Espiritismo”, mas “O Evangelho segundo São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João”. Seguindo os Evangelhos, acompanhando o decurso da pregação de Cristo e observando suas palavras e expressões, verificaremos que Nosso Senhor, quando fala de Sua obra, se serve de uma multidão de imagens que dão a idéia de coletividade: é um reino, uma cidade, uma família, uma rede lançada ao mar e cheia de bons e maus peixes, um rebanho, etc.; outras vezes esse Seu reino é comparado a uma árvore, a um campo, a uma casa, etc. Vemos que Cristo reúne em Seu derredor muitos discípulos que vão com ele, escolhe dentre eles doze, aos quais dá o nome de Apóstolos, dá-lhes instruções especiais sobre como se devem portar, confere-lhes poderes especiais e até mesmo verdadeira jurisdição sobre os outros homens, como veremos.

E a Simão, filho de Jonas, chega a impor-lhe um novo nome, muito significativo: *Kepha* e declara solenemente: “Tu és *Kepha* e sobre este *Kepha* edificarei a minha Igreja” (Mt 16, 18). A palavra aramaica “*kepha*” quer dizer pedra ou melhor “rocha”. Assim, pois, é como se Jesus tivesse dado a Simão o nome de Rocha: “Tu és Rocha e sobre esta rocha edificarei a minha Igreja”. Cristo, por conseguinte, quer construir uma Igreja. Mas uma Igreja firme, inabalável, imperecível. Daí a idéia de construí-la sobre uma rocha. A imagem da “casa construída sobre uma rocha” não era nova. No sermão do monte dissera Jesus: “Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as observa será comparado a um homem sábio que edificou a sua casa sobre uma rocha. Veio a chuva, trans-

bordaram os rios, assopraram os ventos e precipitaram-se contra aquela casa, e a casa não caiu, porque estava fundada sobre uma rocha!" (Mt 7, 24-25). Assim queria também o sábio Jesus edificar a sua Igreja sobre a rocha: Ele previa que os aguaceiros haveriam de desabar, os rios de transbordar, os vendavais haveriam de soprar e dar de rijo contra a Igreja — mas debalde, pois que estaria "construída sobre a rocha". Por isso continuou Jesus aquelas memoráveis palavras dirigidas a São Pedro: "E as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 18). Divina promessa! Virão acometidas e assaltos, a Igreja terá seus adversários que investirão contra ela — mas estas "portas do inferno" não prevalecerão... Temos aí a garantia divina da indefectibilidade de Igreja de Cristo. Mas Jesus prometeu mais: "Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20). Até o fim do mundo! Não até a vinda de Allan Kardec... Mais: "Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro Consolador que fique eternamente convosco" (Jo 14, 16). Esse Consolador não viria apenas 1850 anos depois...

Mas Jesus quis munir também os Apóstolos com poderes especiais e extraordinários. "A mim me foi dado — declara Ele aos Apóstolos — todo o poder no céu e na terra: Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo o que eu vos tenho mandado. E eis que estou convosco até a consumação dos séculos" (Mt 28, 18-20). Majestosa ordem! Mandato solene! Os Apóstolos devem ensinar, governar e santificar. E outra vez, com maior solenidade ainda: "A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou, também eu vos envio" (Jo 20, 21). Jesus transmite aos Apóstolos a missão recebida do Pai! E continua o Evangelista: "Depois destas palavras soprou sobre eles, dizendo: Recebei o Espírito Santo; a quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos"... Era a realização daquilo que Cristo prometera aos Apóstolos, antes de sua morte: "Em verdade vos digo que tudo o que vós ligardes sobre a terra será também ligado no céu, e tudo o que vós desligardes na terra será também desligado no céu" (Mt 18, 18). E nessa mesma ocasião

Jesus declara que a sua Igreja tem o direito a ser obedecida por todos: "Se alguém não ouvir a Igreja, seja para vós um pagão e um publicano" (Mt 18, 17). E mais claro ainda: "Quem vos ouve a mim me ouve; quem vos despreza a mim me despreza; mas quem me despreza, despreza aquele que me enviou" (Lc 10, 16).

Não está muito claro tudo isso? Jesus fundou uma Igreja; São Pedro será o fundamento; esta Igreja será atacada, terá inimigos, mas jamais será vencida, incólume atravessará os séculos até a consumação final, pois Jesus estará com ela; os Apóstolos (e evidentemente seus sucessores) terão os mesmos poderes de Cristo para ensinar, governar e santificar os homens, com autoridade divina.

Dizer, portanto, com os espíritas, que Cristo "nunca pensou em fundar uma Igreja visível", é apresentar atestado de palmar ignorância dos ensinamentos de Jesus. E veremos mais:

## SAO PEDRO E O PAPA.

*Essa história de Pedro ser o chefe da Igreja do Cristo, é uma grande invenção do ilustre doutor Boaventura e de toda a doutrina católica. E para prová-lo, transcrevemos um trecho do discurso do bispo Strossmayer...*

Do suposto discurso de Strossmayer falaremos depois. Vamos continuar ainda por alguns instantes a folhear os Santos Evangelhos e estudar três significativos encontros entre Cristo e Simão Pedro.

1) Já vimos a passagem em que Jesus muda o nome de Simão para Kephas, ou Rocha ou — como ficou entre nós — Pedro. Estudemos a perícopa no contexto. Estavam Jesus e os Apóstolos em Cesaréia de Filipe. Simão, em nome dos Apóstolos, acabara de proclamar: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!" E foi então que tornou Nosso Senhor: "Bem-aventurado és, Simão, filho de João, porque não foi a carne e o sangue que to revelou, mas meu Pai que está no céu. Digo-te eu que tu és Pedro (Rocha) e sobre esta pedra (rocha) edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino do



céu: Tudo o que ligares sobre a terra será ligado no céu, e tudo que desligares sobre a terra será desligado no céu” (Mt 16, 17-19). Jesus fala aí particularmente a São Pedro. Já isso é muito notável. Usa o divino Mestre de três metáforas: fundamento, chave e poder de ligar e desligar. Jesus declara que Pedro será o fundamento, a rocha inabalável, sobre que se assentará a Igreja de Cristo. Mas para que esse homem possa garantir a estabilidade, ele precisará duma verdadeira autoridade, plena e suprema. Daí a entrega das “chaves do reino”. Dar as chaves duma cidade ou reino era então expressão corrente para a entrega de todos os poderes necessários para bem governar e dirigir aquele reino. Pedro recebe esse poder, denominado “poder das chaves”. Mas Cristo ainda o especifica. Pedro poderá “ligar e desligar” sobre a terra, entre os homens; e tudo quanto ele ligar ou desligar, será ratificado e confirmado “no céu”, por Deus. Foi o que Cristo disse.

2) Em outro lugar, pouco antes da sua ascensão, Jesus se dirige mais uma vez a Pedro, para lhe conferir o poder e o ofício de governar a Igreja inteira, após ter recebido sua tríplice profissão de amor. Eis o emocionante texto: “Disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe Pedro: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: *Apascenta os meus cordeiros*. Disse-lhe de novo: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe (Pedro): Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: *Apascenta as minhas ovelhas*. Disse-lhe Jesus pela terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristecido Pedro, porque lhe disse pela terceira vez: amas-me? respondeu-lhe: Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: *Apascenta as minhas ovelhas*” (Jo 21, 15-17). Sabemos que Jesus gostava de comparar a humanidade com um rebanho de ovelhas. Sabemos também que era íntimo desejo Seu de reunir todas essas “ovelhas” em um só rebanho, tendo à frente “um só pastor” (cf. Jo 10, 1-16). Ei-lo, o pastor instituído por Cristo: Simão Pedro, o mesmo que seria a pedra fundamental da Igreja, o mesmo que receberia as “chaves do reino do céu”, — o mesmo recebe agora a solene ordem de “apascentar os cordeiros e as ovelhas” de Cristo.

3) E temos ainda uma terceira, igualmente comovente, cena entra Jesus e Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás pediu para vos joeirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que não desfaleça a tua fé. E tu, por teu turno, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 31-32). Jesus reza de modo especial por Pedro, para que não desfaleça na fé, porque Pedro deverá, no futuro, “confirmar os seus irmãos”!

Não parece evidentíssimo que há qualquer coisa de especial em torno de São Pedro? E se lermos atentamente o Novo Testamento, veremos que Pedro é sempre o primeiro na enumeração dos Apóstolos, o primeiro a ver Cristo ressuscitado, o primeiro a propor um substituto de Judas, o primeiro a catequizar os judeus, o primeiro a realizar um milagre público, o primeiro a castigar os remissos, o primeiro a converter pagãos, o primeiro no concílio de Jerusalém...

Mas — observa com muita perspicácia um dos nossos maiores teólogos brasileiros — das palavras de Cristo podemos inferir, ainda, que Cristo as dirigiu a São Pedro, não enquanto indivíduo particular que em breve haveria de morrer, e sim enquanto pessoa pública que deveria permanecer em seus sucessores. Pois que Cristo prometeu a Pedro que o constituiria pedra e fundamento da Igreja, para sustentá-la “até o fim do mundo”, vencendo sempre todas as investidas das portas do inferno. Prometeu-lhe também as chaves e o poder de ligar e desligar, e por último, recebeu o ofício de apascentar todos os cordeiros e ovelhas de Cristo. Mas a Igreja que, por vontade do próprio Cristo, deveria permanecer até ao fim do mundo, não pode subsistir indestrutível, sem descansar no seu fundamento; não se abrirão as portas dos céus aos fiéis sem o poder das chaves, nem os fiéis poderão perseverar na fé, se não forem nutridos por leis oportunas. Ora, para prover a tudo isso, deve Pedro permanecer até ao fim do mundo. Mas, como pessoa física, não o poderia fazer, pois que era mortal. Fê-lo, porém, como pessoa pública, jurídica, transmitindo seu primado aos seus sucessores. E, realmente, sabemos da História que os sucessores do primeiro bispo de Roma continuaram com as mesmas atribuições de chefe da Igreja de Cristo, pastor supremo de seu rebanho, conferidas por Jesus a Simão Pedro.

## O DISCURSO DO BISPO STROSSMAYER.

*Nossos argumentos estão baseados na História e na opinião insuspeita do bispo Strossmayer. Esse bispo, em seu discurso pronunciado num Concílio, contra a infalibilidade do Papa...*

E' a varejo e por atacado que os espiritas distribuem e propagam este veemente discurso que o bispo Strossmayer teria pronunciado no Concílio Vaticano contra a infalibilidade do Papa. Em qualquer discussão sobre o Papa, aparece infalivelmente Strossmayer. Sabe-se, com efeito, que este valente bispo croata era contra a *oportunidade* da definição dogmática da infalibilidade. Os inimigos da Igreja aproveitaram-se deste fato e, já durante o Concílio Vaticano, venderam nas ruas de Roma este discurso e depois o espalharam pelo mundo inteiro. O bispo Strossmayer, imediatamente, numa declaração datada de 20 de Dezembro de 1871 e publicada no *Archiv fuer katholisches Kirchenrecht* protestou enèrgicamente, declarando que o tal discurso era uma detestável falsificação, desde a primeira até a última palavra. Lançou o mesmo protesto contra a impostura numa carta pastoral de 28 de Janeiro de 1881, chamando-o um "discurso funesto, que, sob nosso nome, está sendo propagado no mundo inteiro". Ainda assim continuaram os caluniadores e falsificadores em sua tarefa inglória. Um certo Bellay, padre apóstata, no jornal *Reformation*, publicara atrevidamente que ele próprio, como um dos secretários do Concílio, tinha ouvido ao bispo Strossmayer proferir o mencionado discurso no dia 15 de Abril de 1870, etc. Mas contra este novo impostor ergueu-se o Dr. Friedrich, testemunha presencial, pois assistiu ao Concílio, escrevendo no jornal *Wartburg* que o comunicado do Sr. Bellay era falso na sua íntegra, e que, além disto, o tal Sr. Bellay nunca fora secretário do Concílio e por conseguinte não podia ser admitido àquelas sessões e que precisamente no dia 15 de Abril de 1870 não houve sessão alguma por ser a Sexta-Feira Santa...

## A INFALIBILIDADE DO PAPA.

Longos e numerosos artigos escreveram os espíritas contra a infalibilidade dos Papas. E para provar que muitas vezes erraram, contam histórias de Papas que teriam cometido horrendos crimes. Mas eles mostram com isso mesmo desconhecer de todo a verdadeira doutrina da Igreja a respeito da infalibilidade do sucessor de São Pedro. Responderemos, por isso, aos espíritas com os seguintes pontos:

1) Justíssima foi a observação de certo espírita que, em artigo contra nós, escreveu estas palavras: "A Bíblia, pela sua linguagem metafórica e imagens simbólicas, é o livro que mais tem suscitado divergências no seio do Cristianismo, dando lugar à formação de centenas de seitas religiosas, pretendendo cada uma estar com a verdade total e as demais eivadas de erros". E' uma consequência inevitável daquele princípio protestante, sustentado e propagado também pelo espiritismo: que cada um tem o direito de interpretar a Bíblia a seu modo e segundo o seu talento. Já falamos sobre isso. E cremos sinceramente que a primeira conclusão a coligir desta embrulhada toda é: está provado que o princípio da livre interpretação da Bíblia não dá certo. Pois repetimos: à base desta teoria a Bíblia é um perigosíssimo veneno para a humanidade e Deus não pode ter espargido tão funesta peçonha. Ou a Bíblia não vem de Deus — e então ao fogo com tão perigoso livro que só dissensões produziu; ou, se vem de Deus (e não temos dúvidas a este respeito), não a pode ter Deus deixado ao arbítrio de todos e de cada um — e seria o caso de repetir com Apeles: "Não suba o sapateiro acima das chinelas". Já vimos também a admoestação muito grave de São Pedro, falando das epístolas de São Paulo, "nas quais há algumas coisas difíceis de compreender" e que "a gente ignorante e mal segura interpretam falsamente, para sua própria perdição, como também fazem com as outras Escrituras" (2 Pd 3, 16). Concluimos daí que o mesmo Deus que nos deu a Bíblia, deve ter providenciado também uma autoridade competente que resolvesse os casos duvidosos.

2) Queremos recordar também aos espíritas alguns textos de Allan Kardec, já mencionados quando mostramos que

o próprio Espiritismo, apesar de suas incontidas ânsias de liberdade, tem ou ao menos deseja ter um caráter pronunciadamente dogmático. Vimos então esta máxima muito bem ponderada de Kardec: “A condição absoluta de vitalidade para toda a reunião ou associação, qualquer que seja o seu objetivo, é a homogeneidade, isto é, a unidade de vistas, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo fim determinado, numa palavra: a comunhão de idéias” (*Obras Póstumas*, 10ª ed. p. 332). Por isso Kardec queria também que o Espiritismo fosse guiado sempre por um condutor, que tivesse suficiente autoridade moral, “capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de dar a impulsão, de estimular os zelos, de defender os fracos, de sustentar os ânimos vacilantes, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião sobre os pontos incertos”, sem o qual, acrescenta Kardec, “o Espiritismo correria o risco de caminhar ao léu” (ib. p. 317). Pois bem, mais ou menos assim deve ter pensado também Nosso Senhor, quando fundou sua Igreja, constituindo a Simão Pedro seu chefe supremo e pastor autorizado. Em artigos anteriores verificamos como Cristo muniu a Pedro com poderes especiais, entregando-lhe “as chaves do reino do céu”, dando-lhe autorização para “ligar e desligar”, ordenando-lhe que “apascentasse os seus cordeiros e as suas ovelhas”; vimos como Jesus rezou de modo especial por Pedro, para que ele não fraquejasse na fé, pois que, explicava Cristo, mais tarde deveria o mesmo Pedro confirmar a fé de seus irmãos; vimos a solene ordem que Cristo deu aos Apóstolos de pregarem a todos os povos a Sua mensagem e de cuidarem para que todos observassem tudo direitinho, assim como Ele havia determinado; vimos como Ele transmitiu aos Apóstolos a mesma missão que Ele recebera do Pai; vimos que Ele deu à Igreja o direito absoluto de ser obedecida, de tal modo que “se alguém não ouvir a Igreja, seja considerado como pagão e publicano”, e que: “quem vos ouve a mim ouve e quem vos despreza a mim despreza”; vimos também a promessa de Cristo de estar, Ele mesmo, com a Igreja até à consumação final, e que também o Consolador, o Espírito da Verdade, ficaria eternamente com os Apóstolos e que as portas do inferno, não obstante

os repetidos assaltos, jamais haveriam de prevalecer contra a Igreja. Tudo isso, foi verificado, com palavras claras e infosismáveis do próprio Cristo.

Mas ao mesmo tempo sabemos que Cristo entregou a Sua obra às mãos frágeis, fracas e falíveis de homens. Ora, se Cristo ardeu no anseio de fundar uma sociedade que afrontasse os séculos e fosse garantia divina de salvação eterna para todos os fiéis de todos os tempos, se Ele desejava mesmo eficazmente o êxito de Sua instituição — o que é incontestável — devia, para o exercício seguro do supremo poder de governo, conferir também ao Seu chefe visível os meios que lhe facultassem reunir todos os membros da Igreja na unidade da fé e impedir todas as dissidências. E aí está o postulado daquilo que nós chamamos “infalibilidade da Igreja ou do Papa”. Daí a definição do dogma que, pelo Concílio Vaticano, foi definido nos seguintes termos: “Que o Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando, no desempenho do ministério de pastor e doutor de todos os cristãos, define com sua suprema autoridade apostólica alguma doutrina referente à fé e à moral para toda a Igreja, em virtude da assistência divina, prometida a ela na pessoa de São Pedro, goza daquela infalibilidade com a qual Cristo quis munir a Sua Igreja quando define alguma doutrina sobre a fé e a moral”.

3) Os espíritas tendem sempre a identificar infalibilidade com “impecabilidade” e procuram então refutar a doutrina da Igreja com histórias (a maioria delas, aliás, inventada ou exagerada) em que os Papas pecaram. Nunca a Igreja afirmou que o Papa é impecável. Como todos nós, também ele tem o seu confessor. O Papa pode pecar e até gravemente. Ele é homem, como nós, e não perde sua natureza humana quando é elevado o trono pontifício. Justamente aí está um dos pontos mais notáveis da Igreja: apesar de ser dirigida por homens que, em si, são tão frágeis e pecadores como nós, ela atravessou os séculos e enfrentou mil dificuldades, permanecendo, em sua essência, sempre a mesma, tal como foi fundada por Cristo.

Nem dizemos que o Papa, sempre quando fala, é infalível. Ele pode errar e já tem errado. Pedimos aos espíritas tomarem nota do seguinte: Segundo a doutrina da Igreja o Papa só é infalível quando se realizarem, *conjuntamente*, as seguintes quatro condições: 1) é necessário que ele fale, não como pessoa particular, mas oficialmente, como Pastor e Mestre supremo de todos os cristãos; 2) é necessário que ele fale sobre coisas relativas à fé e à moral e não sobre questões puramente científicas ou disciplinares; 3) é necessário que ele fale à Igreja toda inteira e não a uma nação ou diocese ou até a uma pessoa particular; 4) é necessário que ele tenha a intenção manifesta de decidir definitivamente uma certa questão de fé ou moral, querendo obrigar a Igreja universal a aceitar sua decisão. Só assim, *realizadas simultâneamente todas estas quatro condições*, dizemos que o sucessor de São Pedro é e deve ser infalível por assistência especial de Deus. Faltando qualquer uma destas quatro condições, já não há garantia de infalibilidade.

E agora um conselho aos nossos espíritas: Se, no futuro, querem continuar a ridicularizar a nossa fé na infalibilidade do Papa e contar aos seus leitores ou ouvintes bonitas histórias em que algum Papa errou — não se esqueçam por amor à probidade de investigar com exatidão se naquele tal caso se verificaram mesmo as quatro indicadas condições (mas todas elas!). E desde já dizemos-lhes com toda a sinceridade: no dia em que nos apresentarem um único caso provado (mas *provado!*) em que o Papa errou, usando daquelas suas supremas atribuições apostólicas de governar a Igreja de Cristo e de confirmar os irmãos na fé, — deixaremos imediatamente o burel franciscano, para então abraçar entusiásticamente o ceticismo absoluto, que seria para nós o único refugio aceitável. Pois estamos inteiramente persuadidos da justeza da conclusão a que chegou, no fim de sua vida, o incrédulo Agostinho de Thierry, quando confessou: “Vejo, pela história, a necessidade manifesta de uma autoridade divina e visível, para o desenvolvimento da vida do gênero humano. Ora, tudo quanto existe fora da Igreja Católica, é sem autoridade... Portanto, a Igreja Católica é a autoridade que procuro, e a ela me submeto”.

## A "PASTORAL" DO BISPO DE JUIZ DE FORA.

Muitos jornais espíritas publicaram ultimamente uma "pastoral do Bispo de Juiz de Fora em defesa do Espiritismo". Alguns deles não se esqueceram de acrescentar: "do Bispo católico, apostólico, romano de Juiz de Fora". Um deles, do Rio, anunciou em letras garrafais da primeira página: "Magnífica proclamação do Bispo Regular a favor do Espiritismo" e, em subtítulo: "Lançada *nestes dias* por Dom Francisco Fidério, Bispo católico romano de Juiz de Fora, *em exercício*" (os grifos são nossos). Isso foi publicado em Junho de 1954. Segue então a transcrição da "pastoral". E, como conclusão, o triunfante desafio: "Tenha a palavra a prole do pobre e desesperado Frei Boaventura! Fale... excomungue... repreenda seu superior... Vamos!"

Foi fácil mostrar que o Bispo de Juiz de Fora, em exercício, se chama Dom Geraldo M. de Moraes Penido e não Dom Francisco Fidério (ou Fedério, como é grafado por outros). A diocese de Juiz de Fora foi fundada no dia 1.º de Fevereiro de 1924. No mesmo dia e ano foi nomeado seu primeiro Bispo, Dom Justino José de Sant'Ana. Outros Bispos católicos, apostólicos, romanos, nunca houve em Juiz de Fora. Nem há, em todo o vasto Brasil, Bispo que se chame Dom Francisco Fidério; nem se conhece, nas atas da vida eclesiástica do Brasil, semelhante carta pastoral. Aliás, a linguagem desta carta nada tem com o estilo grave, com a terminologia precisa e com a redação clássica das pastorais dos nossos Bispos. O conteúdo da carta é de uma ignorância tão supina, de uma filosofia tão ridícula, de uma doutrina tão herética e de uma linguagem tão presunçosa e sem medida que ela, por si, nos diz que, se foi escrita por um Bispo, não foi o de Juiz de Fora, mas *Fora de Juízo*... Aí aparece — não podia deixar de ser! — Galileu, considerado pela Igreja louco, herege, excomungado e por isso condenado e martirizado; aí se diz que "a ciência está acima de tudo", que no Espiritismo "só encontrei o bem", etc., em suma, como dizem os espíritas, é "uma admirável defesa insuspeita do Espiritismo, feita por um Bispo Católico".



E' o vezo espirita de querer apregoar o Espiritismo pela boca dos homens mais eminentes do Catolicismo. O misticado livro *Revelação dos Papas*, o fantástico *Roma e o Evangelho*, ou a irreverente obra do "padre" Alta, são exemplos clássicos. Mas o exemplo mais típico é esta famosa pastoral de Dom Francisco Fidério. Em numerosas cidades, por onde passamos em campanha de esclarecimento dos católicos sobre o Espiritismo, temos encontrado esta pastoral, difundida pelos espiritas em folhetos especiais. Foi a mais poderosa arma de defesa que apresentaram.

O mesmo jornal espirita, que tão solene e insolentemente nos desafiou, informado que Dom Francisco Fidério não era nem é Bispo de Juiz de Fora, no número seguinte, Julho de 1954, fotografou meia dúzia de outros jornais espiritas que lhe antecederam na publicação, para "documentar a autenticidade da Pastoral do insigne e destemeroso bispo Dom Fidério"...

E eis como se argumenta ainda em pleno século vintel

Ainda outro jornal espirita (*A Nova Era*, de Franca SP), um pouco mais honesto, depois de ter estampado também em primeira página a mesma triunfante pastoral, procurou, posteriormente fazer investigações em torno da veracidade da mesma, dirigindo neste sentido um apelo aos seus leitores. Em 30 de Abril de 1954 publicou então a seguinte carta do Sr. Aleixo Vitor Magaldi, de Volta Redonda (RJ) que, afinal, nos dá esclarecimentos sobre a pessoa de Francisco Fidério:

Conheci o Bispo D. Francisco Fedério. Era um padre, carregado de filhos. Fora-lhe retirada a ordem de celebrar missas e ministrar sacramentos, proibido de exercer os demais atos sacerdotais da Igreja Católica Apostólica Romana. A Irmandade de São Roque, de Juiz de Fora, dona da Igreja de São Roque, tradicional templo daquela cidade, privada do seu vigário por ordem do Bispo de Mariana, rebelou-se contra o Bispado e entregou a Igreja de São Roque ao padre Francisco Fedério. Este tomou conta dos serviços religiosos da Irmandade de São Roque, exercendo-os na citada Igreja. Fundou ele então a Igreja Apostólica Brasileira. Outros padres se aliaram a ele. E ele se tornou o Bispo D. Francisco

Fedério, da Igreja por ele criada. Iniciou-se logo na Maçonaria. Frequentou Centros Espíritas. E pregou o Cristianismo nos templos maçônicos e nos salões espíritas daquela época. *Escreveu, sim, e publicou a citada pastoral*, em vários jornais daquele tempo, transcrita agora pelo número de 15 de Março de *A Nova Era*. Eu o ouvi discursar nas Lojas Maçônicas e nos Centros Espíritas de Juiz de Fora, principalmente na Loja Maçônica "*Caridade e Firmeza*", de que eu era um dos diretores. Esse Bispo D. Francisco Fedério, mais tarde, abandonou a Igreja que criou, retornando à Igreja Apostólica Romana, aceitando certas regalias que lhe foram oferecidas. As edições dos Jornais de Juiz de Fora, desse tempo, como o *Pharol*, o *Jornal do Comércio*, o *Correio de Minas*, contêm notícias e comentários relativos a tais acontecimentos. Mais tarde é que foi criado o Bispado (Católico Apostólico Romano), de Juiz de Fora, cujo primeiro Bispo é D. Justino de Sant'Ana. D. Francisco Fedério, assim, foi o primeiro Bispo de Juiz de Fora, mas da Igreja Apostólica Brasileira, por ele criada e por ele mesmo extinta.

Nunca existiu, por conseguinte, um Bispo Católico Apostólico Romano, chamado Dom Francisco Fidério, nem em Juiz de Fora, nem em outro lugar qualquer do Brasil ou do mundo. Nunca um Bispo Católico, em exercício, escreveu ou publicou semelhante carta pastoral em favor do Espiritismo. O que houve foi um padre apóstata, cismático, espírita e maçã, de péssima vida moral e por isso mesmo expelido da Igreja e que, há mais de trinta anos (e não "nestes dias"), quando Juiz de Fora ainda não era sede de Bispado, escreveu, sem a mínima autoridade ou delegação para falar em nome da Igreja Católica e muito menos como Bispo da mesma Igreja, este panfleto que, ainda hoje, continua sendo difundido obstinada e maliciosamente pelos espíritas, como se fosse uma autêntica Carta Pastoral de um verdadeiro Bispo Católico em exercício.

Eis como se procede ainda em pleno século vinte!

## O INDEX DOS LIVROS PROIBIDOS.

*Como espírita tenho o livre arbitrio, que me permite ouvir e ler tudo o que desejo, sem estar sujeito às penas de pretensas superiores. Nunca poderá o Frei Boaventura justificar as arbitrariedades e a intolerância da Igreja Romana,*

*proibindo a leitura de certos livros. Onde está então o nosso livre arbítrio?...*

Não é tão difícil assim, meu amigo, justificar a proibição de certos livros, e principalmente de livros de magia e espiritismo. Falando do fervor dos primeiros cristãos, narra a Sagrada Escritura que "muitos dos crentes se apresentavam, confessando e declarando publicamente o que haviam cometido. Outros muitos, *que tinham praticado artes mágicas*, trouxeram seus livros e os queimaram aos olhos de todos; calculou-se o valor deles em cinquenta mil dracmas de prata" (At 19, 18-19). Por que será que aqueles primeiros cristãos se apresaram em queimar e destruir tantos livros espíritas?...

Mas falemos do famoso *Index*. Antes de tudo queremos apresentá-lo. Temos a edição de 1949. É um livro de 510 páginas. É todo ele um catálogo sem fim de livros, desde o ano de 1564. Romances, poesias, novelas, libelos e panfletos, tratados de teologia e exegese, de filosofia e de direito, de tudo. Alguns nomes de autores: Balzac, Comte, Croce, D'Alambert, D'Annunzio, Diderot, Dumas (pai e filho), Gentile, Gide, Herculano, Hugo, *Allan Kardec*, Lamartine, Lamennais, Loisy, Maurras, Renan, Saldanha Marinho, Sartre, *Ubaldo (Pietro)*, Voltaire, Zola e muitos outros. São livros, todos eles, perigosos para a integridade dos costumes e da fé.

Prova isso a intolerância da Igreja? Sim: prova a sua intolerância perante o erro, a imoralidade e o pecado. A Igreja sempre teve a dignidade de afirmar publicamente sua intolerância em questões de princípios sobre a fé ou a moral. Mas o *Index* prova também o zelo da Igreja em conservar a pureza da doutrina e dos costumes e em salvar as almas imortais dos homens. Porque a experiência tem demonstrado abundantemente o enorme mal que um livro mau pode fazer e faz. Os que costumam ler toda classe de livros, sem ordem nem seleção, acabam confusos e desorientados. Principalmente as pessoas sem sólida instrução religiosa e moral, que não conseguem distinguir o erro da verdade, são facilmente iludidas por um livro capcioso. Que fé e que moral resistem à leitura constante de livros anti-religiosos e imorais? E quantos leitores estão à altura de reconhecer e rebater a sua sem-razão, erro, sofisma e injustiça? O livro mau deve ser considerado

como um verdadeiro veneno para a alma e para a vida da fé e da graça. E' por isso um grande benefício afastar os maus livros. Principalmente os romances licenciosos que sujam — é o termo preciso — a fantasia e provocam à sensualidade.

O bom pai de família não deixa ao alcance de seu filhos o veneno que pode matar seu corpo — e há de permitir o veneno que pode matar-lhe a alma? Cumpriria a Igreja sua missão de guiar os homens ao céu, se não alertasse contra a má literatura? O jardineiro solícito e diligente arranca sem compaixão as ervas más, para que não prejudiquem as plantas e as flores. O médico operador não hesita em cortar uma perna ou um braço gangrenado para salvar a vida do paciente. — Aqueles que querem proibir à Igreja o direito de denunciar os maus livros, ainda não compreenderam a verdadeira missão da Igreja e não sabem avaliar o mal que fazem estes livros.

E os maus livros fazem mal não apenas aos jovens. A história de não poucas apostasias diz-nos que os adultos, por serem adultos, não estão imunizados contra a influência das leituras subversivas. Muito bem o sabem os propagandistas do erro e do pecado, que por todos os meios e a todas as idades propinam o seu veneno.

Daí já se compreende também que a proibição de certos livros não significa nenhum atentado contra a liberdade. Mas essa moderna liberdade sem freios, que o liberalismo defende, essa liberdade de pecar, liberdade de mentir, liberdade de escrever e publicar as mais vis calúnias e as mais baixas obscenidades, isso já não é liberdade: é antes libertinagem e anarquia. E' uma falsa liberdade.

Também a sociedade civil tem os seus livros proibidos, a polícia muitas vezes proíbe a venda de certos livros, revistas e jornais. Tito Lívio, Sêneca e Cícero nos falam de ordens emanadas das autoridades romanas, segundo as quais deviam certos livros ser queimados em público.

Muito bem escreveu o insuspeito Francisco Sarcey: "A meu ver, um dos lugares comuns mais tolos da declamação dos livres pensadores é gritar contra a Congregação do Index,

e contra a condenação que ela profere contra certos livros. Ora! homens que têm um depósito de crenças a proteger contra os ataques de fora, o que eles supõem um dever de consciência, lêem um livro que sai à luz da publicidade e dizem aos seus irmãos na fé: "Cuidado! As idéias espalhadas neste livro são capazes de abalar as vossas crenças. Poderíeis encontrar um ingênuo prazer em lê-lo; mas há nele um laço perigoso. Nós vos prevenimos. Abstende-vos desta leitura". Não será este aviso e esta linguagem o aviso e a linguagem do bom senso? Certamente".

Aliás, o art. 36 § 18 dos estatutos da Federação Espírita Brasileira, em combinação com o art. 40 § 6, exclui da venda as obras "contrárias aos princípios morais e aos interesses superiores da Doutrina Espírita". Falta apenas ter a organização suficiente para enumerar todas estas obras, a que alude o art. 40 § 6, para ter um perfeito *Index...*

## POR QUE TAXAS E ESPÓRTULAS?

*Jamais concordaremos em que os sacramentos sejam cobrados pelos padres. Em defesa desta nossa afirmação, perguntaríamos a Frei Boaventura o seguinte: Em que escrito sagrado o catolicismo romano encontrou permissão divina para que os sacramentos fossem cobrados?*

Primeiramente convém esclarecer que a dificuldade é apresentada com evidente exagero. Pois não é verdade que a Igreja exige taxas ou espórtulas por todos os sacramentos. Quem jamais foi obrigado a pagar alguma coisa para poder receber o sacramento da Confissão? Lá está o padre, às vezes o dia todo, longas horas noite adentro, a ouvir pacientemente as confissões, sem receber nem querer um só centavo! A confissão só custa dinheiro em um único caso: é quando o penitente se acusa de algum pecado contra o sétimo mandamento, e então ele deverá restituir ao dono (e não ao padre) o que roubou... E quem já foi obrigado a pagar alguma taxa para poder receber o sacramento da Eucaristia? Longas filas vão à mesa eucarística, receber a San-

ta Comunhão, mas nunca reclamamos um só centavo! E quando o padre é chamado para dar a Extrema-Unção a algum doente, às vezes bem distante, com viagem difícil e perda de muito tempo, ele não exige um só vintém. E nada exige pelo catecismo que ensina, pelos doentes que visita, pelos sermões que prega, pelas orações que sempre faz pelos paroquianos...

Mas o nosso espírito, que não acredita na Sagrada Escritura, exige um texto. Poderíamos perguntar-lhe por nossa vez: em que escrito da Bíblia o espiritismo encontrou permissão divina para exigir mensalidades de seus sócios? Mas daremos o texto desejado ao nosso espírito, sequioso da palavra divina. Pois parece mesmo que nos tempos apostólicos já existia idêntico problema e que também então havia gente que se revoltava contra certas exigências materiais dos próprios Apóstolos. Assim encontramos na primeira epístola de São Paulo aos coríntios um curioso debate em torno desta questão. Eis aí o que o Apóstolo escreve, até com certa indignação e veemência: "Porventura não temos nós direito de beber e de comer?... Quem jamais vai à guerra à sua custa? Quem planta uma vinha, e não come de seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não se alimenta do leite do rebanho? Porventura digo isto como homem? E não o diz também a lei? Pois está escrito na lei de Moisés: Não atarás a boca ao boi que debulha. Acaso Deus tem cuidado dos bois? Não é antes por nós mesmos que ele diz isto? Sim, é por causa de nós que isto foi escrito: Que o que lava, deve lavar com esperança; e o que debulha, deve-o fazer com esperança de participar dos frutos. *Se nós semeamos entre vós as coisas espirituais, é porventura muito, se recolhermos dos vossos bens temporais?* Se outros gozam deste direito sobre vós, por que não, mais justamente, nós?... Não sabeis que os que trabalham no santuário, comem do que é do santuário; e os que servem ao altar, têm parte no altar? *Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o Evangelho, que vivam do Evangelho*" (1 Cor 9, 4-14). Aí tem o zeloso espírito o escrito sagrado onde a Igreja encontrou não apenas a permissão divina, mas a ordem divina de exigir que

os fiéis, com suas contribuições, ajudem a sustentar os ministros do Evangelho. Também Nosso Senhor, quando enviou aos Apóstolos, admoestou: "Não queirais possuir ouro, nem prata... nem alforge para o caminho... porque *o operário bem merece o seu alimento*" (Mt 10, 10).

## COMO CRISTO FALOU DO INFERNO.

*Cristo limitou-se a falar vagamente dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplicios corporais que constituíram para os cristãos um artigo de fé.*

Esse citado texto, repetido pelos espíritas, foi primeiramente escrito por Allan Kardec, no livro *Céu e Inferno* (16ª ed. p. 41). Todos que o redizem, apresentam atestado de flagrante desconhecimento das palavras do Cristo. Vamos, pois, ter a paciência de percorrer ao menos algumas passagens em que Jesus fala evidentemente do inferno:

Mt 5, 22: "Todo o homem que se irar contra seu irmão será réu em juízo; e quem chamar a seu irmão de raca será réu diante do conselho; e quem o apelidar de louco será réu do fogo do inferno".

Mt 5, 29: "Se teu olho direito te for ocasião de pecado, arranca-o e lança-o de ti, porque melhor te é perecer um dos teus membros do que ser todo o teu corpo lançado no inferno".

Mt 10, 28: "Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temeis antes aquele que pode lançar na perdição do inferno tanto a alma como o corpo".

Mt 13, 40-42: "Do mesmo modo que o joio se recolhe e se queima no fogo, assim há de também acontecer no fim do mundo. O Filho do homem enviará os seus anjos, que reunirão do seu reino todos os sedutores e malfeitores, lançando-os na fornalha do fogo; aí haverá choro e ranger de dentes".

Mt 13, 49-50: "Assim (como se separam os peixes bons dos maus) há de também acontecer no fim do mundo: sairão

os anjos e separarão os maus dos justos, lançando-os na fogueira do fogo; aí haverá choro e ranger de dentes”.

Mt 18, 8: “Se tua mão ou teu pé te forem ocasião de pecado, corta-os e lança-os de ti! Melhor te é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado ao fogo eterno”.

Mt 25, 1-3: é a parábola das dez virgens, cinco das quais eram tolas e indolentes, que chegaram tarde, bateram à porta e disseram: “Senhor! Senhor! abre-nos”. Ele porém, diz Jesus, replicou: “Em verdade, vos digo que não vos conheço!”

Mt 25, 14-30: é a parábola dos talentos que cada um recebe e deve aproveitar; mas o “servo inútil” que enterrou o seu talento, perdê-lo-á, e: “será lançado às trevas de fora, onde haverá choro e ranger de dentes”.

Mt 25, 41-46: é a descrição minuciosa do julgamento sobre os maus no fim do mundo. “Em seguida dirá aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado ao demônio e seus companheiros!” “E irão estes para o suplício eterno; os justos, porém, para a vida eterna”.

Mc 3, 29: “Quem blasfemar contra o Espírito Santo, não será perdoado eternamente, mas será réu de pecado eterno”.

Mc 9, 43-48: “Se tua mão te for ocasião de pecado, corta-a! Melhor te é entrares na vida manco do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo inextinguível, onde o verme não lhes morre, nem o fogo se apaga. Se teu pé te for ocasião de pecado, corta-o! Melhor te é entrares na vida aleijado do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno, no fogo inextinguível, onde o verme não lhes morre, nem o fogo se apaga. Se teu olho te for ocasião de pecado, arranca-o! Melhor te é entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo dois, seres lançado ao inferno, onde o verme não lhes morre, nem o fogo se apaga”.

Mc 10, 23: “Como é difícil entrarem no reino de Deus os que possuem riquezas”.

Lc 6, 24: “Ai de vós, que sois ricos! Porque já tendes a vossa consolação”...



Lc 10, 13-15: "Ai de ti, Corozain! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sidon se tivessem operado os milagres que em vós se operaram, desde há muito teriam feito penitência em cilício e cinzas. Entretanto, Tiro e Sidon terão sentença mais benigna, no dia do juízo, do que vós. E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás até ao céu? Até ao inferno serás abismada!"

Lc 12, 5: "Mostrar-vos-ei a quem deveis temer: Temei aquele que, além de matar, pode também lançar ao inferno. Este sim, teme, digo-vos eu".

Lc 13, 3: "Se não vos converterdes, perecereis todos".

Lc 13, 23-28: "Perguntou-lhe alguém: Senhor, são poucos os que se salvam? Respondeu-lhe ele: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque vos digo que muitos procurarão entrar, e não o conseguirão. Uma vez que o dono da casa se tenha levantado e cerrado a porta, ficareis vós da parte de fora, batendo à porta e clamando: Senhor, abre-nos! Ele, porém, vos responderá: Não sei donde sois vós. Então começareis a dizer: Nós comemos e bebemos em tua presença, e tu andaste ensinando pelas nossas ruas. Ele todavia vos tornará: Não sei donde sois vós; apartai-vos de mim, todos vós, malfeitores! Então haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus a Abraão, Isaac e Jacob e todos os profetas e vós serdes expulsos".

Lc 16, 19-31: É a parábola do rico epulão e do pobre Lázaro. O rico gozador morreu "e foi sepultado no inferno. Aí ergueu os olhos, no meio dos tormentos, e avistou ao longe a Abraão, e Lázaro no seio dele. E pôs-se a clamar: Pai Abraão, tem piedade de mim! e manda a Lázaro para molhar na água a ponta do dedo e refrescar-me a língua; porque sofro grandes tormentos nestas chamas"...

Lc 21, 36: "Vigiai, portanto, e rezai sem cessar, a fim de que vos torneis dignos de evitar todos estes males, e de aparecer com confiança diante do Filho do homem". E mais: "Estai, pois alerta! Vigiai e orai! Porque ignorais quando chegue esse momento... se de tarde, se à noite, se ao canto do galo, se de madrugada. Que não apareça de improviso e vos encontre a dormir! O que digo a vós, digo-o a todos: Estai alerta! (Mc 13, 33 ss).

E assim falou Jesus do inferno, de seus sofrimentos, de sua eternidade e da conseqüente necessidade de aproveitar bem a vida presente...

## MAIS UMA PASSAGEM PARA OS ESPIRITAS.

Não citam os espíritas todo esse acervo de palavras de Cristo, que acabamos de ver e que nos falam do inferno como de um "suplício eterno", "fogo eterno", "fogo inextinguível, onde o verme não morre, nem o fogo se apaga"; onde há "trevas", "choro e ranger de dentes" e "grandes tormentos". Todas estas palavras de Cristo são para os espíritas como se não existissem, foram riscadas do Evangelho deles. E disse ainda se vangloriam: *O Espiritismo* — escrevem eles textualmente — *forneceu a chave que permite ler o Evangelho sem catafrios e provou que Deus é, em verdade, justo e bom.* Para eles aí está apenas "o meigo Jêsus", o "doce Nazareno", o "divino modelo da tolerância"...

E querem ver como foi que o Espiritismo conseguiu tão notável conquista? Foi simplesmente assim: riscaram do Evangelho toda ameaça de inferno, apagaram de suas páginas todas as admoestações severas, baniram do Livro Sagrado toda alusão à seriedade...

E em nome de quem? Apenas exclusivamente *em nome da razão humana!* Eles declaram que isso de inferno "é impossível", "não pode ser" — e por isso, *só por isso*, negaram, apesar da palavra repetida, clara e insofismável de Cristo em contrário.

Lembrem-se os espíritas, acirrados negadores do inferno, das palavras de Allan Kardec, que citamos logo no início, quando discorremos sobre o mistério! "O homem — admoestava ele entre outras muitas palavras semelhantes que aí acumulamos — o homem que julga infalível a sua razão, está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas idéias são as mais falsas, se apóiam na sua própria razão e é por isso que *rejeitam tudo o que lhes parece impossível*" (*O Livro dos Espíritos*, 22ª ed. p. 28). Defendendo o sistema reencarnacionista e dirigindo-se contra aqueles que "saltam em fúria, só

com o pensarem que tenham de voltar à Terra”, Kardec pondera: “Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos, para regular o Universo” (ib. p. 139). Eis uma pergunta sensata que fazemos também ao próprio Sr. Kardec e a todos os negadores do inferno.

Desejamos a felicidade eterna a todos os homens, inclusive aos espíritas. Tememos, porém, que eles, com tão obstinada negação e revolta contra a doutrina de Cristo, se nessa impenitência morrerem, se encontrem entre aqueles de que fala o sagrado livro da Sabedoria, ao descrever o juízo final.

“Então os justos se levantarão com grande afoiteza contra aqueles que os atribularam e que lhes roubaram o fruto de seu trabalho. Vendo-os assim, os maus perturbar-se-ão com temor horrível e ficarão assombrados, ao ver a repentina salvação dos justos, a qual eles não esperavam; e dirão dentro de si, tocados de (inútil) arrependimento, e gemendo com angústia do espírito: Estes são aqueles de quem nós noutra tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio! Nós, insensatos, considerávamos a sua vida uma loucura e a sua morte uma ignomínia. E ei-los, contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte. Logo, nós nos extraviamos do caminho da verdade e a luz da justiça não raiou para nós e o sol da inteligência não nasceu para nós. Cansamo-nos no caminho da iniquidade e da perdição e andamos por caminhos ásperos, e ignoramos o caminho do Senhor. De que nos aproveitou a soberba? De que nos serviu a vã ostentação das riquezas? Todas aquelas coisas passaram como sombra... Eis o que os pecadores dirão no inferno” (Sab 5, 1 ss).

Era esta a passagem que queríamos lembrar aos espíritas, antes que eles mesmos tenham que repeti-la...

## **ARTILHARIA ESPIRITA CONTRA O INFERNO.**

1) Mas, objetam os espíritas, está também na Bíblia que o Senhor, segundo Ezequiel, não quer a morte do ímpio, mas que se regenere e salve (33, 1); que a vontade do Pai é

que não se perca nenhum dos que Ele deu ao Filho (Jo 6, 37-39); que Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgá-lo, mas para que o mundo seja salvo por Ele (Jo 3, 17); que o Filho do homem veio, não para perder as vidas, mas para salvá-las (Lc 9, 56); que o Senhor usa de paciência para conosco e não quer que alguém se perca, senão que todos se convertam à penitência (2 Ped 3, 9); que o Senhor quer que todos os homens sejam salvos e que venham ao conhecimento da Verdade (1 Tim 2, 3-4); que, em suma, o fim do Criador é a salvação da criatura.

Nunca duvidaram os católicos de tudo isso. Nem a Igreja jamais silenciou estes textos. E' seguramente o desejo mais intenso de Deus que todos se salvem, que todos se convertam sinceramente à penitência e à vida melhor. São advertências que frequentemente fazemos na igreja e não deixaremos de repetir. Mas quer, porventura, isso dizer que de fato todos se convertem à penitência? Em todos aqueles textos nós temos a garantia divina de que Deus dará a todos — absolutamente todos — o necessário para a salvação. Mas implica isso em que todos hão de aproveitar infalivelmente a oferta do auxílio divino?

Notem, ademais, os espíritas o seguinte: Para o inferno só vai quem *conscientemente, deliberadamente e gravemente* (três condições que devem realizar-se ao mesmo tempo) transgride as leis divinas e se revolta contra a Igreja de Cristo (já falamos da sorte daqueles que invencivelmente ignoram estas leis) e que neste estado morre impenitente.

2) Outra dificuldade bastante comum: *Deus ao criar uma alma já sabia se ela viria a pecar para ser eternamente condenada. Sabendo-a e criando-a voluntariamente a quis desde logo votada ao eterno suplício, e neste caso deixa de ser bom* (Allan Kardec).

Respondemos: "A prévia *visão* das coisas não faz que elas existam, mas supõe-nas existentes. Assim, se Deus ao criar a alma já sabia que ela viria a pecar, é porque previu nela o *voluntário abuso da sua liberdade*. Se ela não abusasse, não teria pecado, nem Deus *saberia* essa infração da lei, porque não se dera. O plano divino foi criar as al-

mas *todas* capazes de serem eternamente felizes pelo uso da graça divina e do próprio arbítrio. Prevendo Deus que muitas, por *abusarem*, se perderiam, podia deixar de as criar; mas usou do seu direito. Não quis deixar de ser benéfico, por que muitos seriam maus. Deus só quer o bem; mas *permite* o mal, respeitando a liberdade da criatura racional. Deus só deixaria de ser bom se, ao criar as almas, as predeterminasse logo para o suplício eterno". E' de considerar ainda que, se Deus não fosse livre em criar alguém, cuja impenitência final prevê, teríamos que todos os homens estariam infalivelmente certos da sua felicidade eterna e nesse caso não haveria mais moral, porque o simples fato da existência do homem importaria na garantia de sua conversão.

3) *Por que, então, permite Deus que a criatura possa decidir-se ao caminho do mal?* — *Resposta:* Allan Kardec faz exatamente esta mesma pergunta em outra obra sua: *O Livro dos Espíritos* (22ª ed. p. 94). E aí sua resposta é boa e merece transcrição; ei-la, sem tirar nem pôr: "Como ousais pedir a Deus contas dos seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras".

4) *Outra: Deus pode conferir a graça ao pecador arrependido tirando-o do inferno. Assim deixam de existir as penas eternas* (Allan Kardec).

*Resposta:* "Deus não faz *tudo* quanto pode. Mas tudo o que faz, é bem feito. Deus criou o homem *livre* para que fosse capaz de cooperar na aquisição da felicidade eterna. Mas diz-lhe: Se praticares a virtude, terás prêmio, serás eternamente feliz; se porém transgredires gravemente a minha lei e morreres impenitente, terás castigo eterno, sem apelação nem agravo. Se zombas de mim durante a vida, de ti zombarei Eu na tremenda hora da morte". Assim, com efeito, lemos em Prov 1, 24 ss: "Mas, visto que eu vos chamei, e vós não quisestes ouvir-me; visto que estendi a mão, e não houve quem olhasse para mim; visto que desprezastes todos os meus conselhos, e não fizestes caso das minhas repreensões,

também eu me rirei da vossa ruína, e zombarei de vós, quando vos suceder o que temíeis. Quando vos assaltar a calamidade repentina e colher a morte como um temporal; quando vier sobre vós a tribulação e a angústia, então me invocarão (os ímpios) e eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me encontrarão; porque eles aborreceram as instruções, e não abraçaram o temor do Senhor, nem se submeteram ao meu conselho e desprezaram todas as minhas repreensões. Comerão, pois, os frutos de seu mau proceder e fartar-se-ão dos seus conselhos"... — Não nos iludamos, pois!

5) *Ou Deus é perfeito e não há penas eternas; ou há penas eternas e Deus não é perfeito* (Kardec). — Resposta: Ou as duas proposições são erradas e há penas eternas e Deus é perfeito...

6) *Peca a alma por fraqueza; por que a não criou Deus mais forte?* (Kardec) — Resposta: Porque não quis. "Quem és tu, ó homem, para contenderes com Deus?" (Rom 9, 20). E' certo que Deus a ninguém nega os auxílios suficientes; e, como já dissemos, ao inferno só vai quem voluntária, consciente e gravemente ofende a Deus e assim morrer.

7) *O dogma da eternidade das penas já fez época. Hoje os homens não são mais levados pelo temor, mas pela persuasão* (Kardec). Resposta: Mas em todos os países civilizados, pelo que vemos, continuam os cárceres e as penitenciárias...

8) *Há uma clamorosa incompatibilidade entre o inferno eterno e a bondade divina.* — Respondemos com Mons. Salim: "Lembremo-nos, antes de mais nada, que grande parte do horror com que encaram os homens o dogma do inferno, provém das descrições téticas de artistas e escritores que exageram, desfiguram, o sofrimento dos condenados. Mesmo considerando a pena eterna em seu sentido mais puro, desprovido de qualquer caráter bárbaro, coaduna-se muito bem com a bondade divina. E' verdade que, se abstrairmos a misericórdia de Deus dos outros atributos divinos, como a justiça e a sabedoria, poderíamos admitir que essa misericórdia, infinita como é, tendesse infinitamente em bem

do condenado. Essa abstração, porém, é inadmissível em Deus, porque nele a bondade não existe nem atua isoladamente: existe e opera concordemente com a sabedoria e a justiça, que também possuem suas exigências ou seus direitos que Deus não poderia dispensar. Ora, impor à bondade divina a remissão duma pena fixada pela sabedoria e pela justiça, seria pròpriamente negar em Deus esses dois atributos. Deus não é só bondade, é justiça e sabedoria também; isolar um atributo e dar-lhe a plenitude do seu efeito, com exclusão dos outros atributos, é negar-lhe seu caráter pròpriamente divino, sua perfeição infinita, é afirmar e ao mesmo tempo negar o infinito: contradição palmar. E' a justiça divina que exige a sanção eterna, a reparação da ordem violada. A bondade de Deus, por sua vez, não pode exigir que seja atenuada a pena fixada pela justiça porque do contrário: 1.º a ordem, em Deus como fora d'Ele, seria violada; 2.º equivaleria a suprimir a própria justiça e deixar a santidade divina à mercê das injúrias; 3.º o triunfo do mal, a desordem irreparável, e o pecador, com a esperança na supressão do castigo, encontraria um estímulo eficaz para seus crimes”.

Poder-se-ia perguntar: Como, porém, podemos saber que a justiça, a sabedoria e a santidade divinas exigem precisamente um castigo *eterno*? Responderíamos que isso nos foi revelado pelo próprio Deus, nos abundantes textos que já vimos e principalmente por Cristo.

9) *Se por uma falta passageira pode a alma ser castigada eternamente sem esperança de clemência ou perdão, não há proporção entre a falta e o castigo, não há justiça.* (Kardec).

Resposta: A pena é proporcionada à *gravidade* da culpa, e não à sua *duração*. “O adultério — diz S. Tomás — que se comete num momento, não é punido, ainda segundo as leis humanas, com uma pena momentânea. Porém, a duração da pena diz respeito à disposição do pecador. Algumas vezes aquele que peca numa cidade, por esse mesmo pecado se torna réu de ser totalmente repellido do convívio

dos cidadãos, ou pelo exílio perpétuo, ou também pela morte. E assim também, segundo a justiça divina, uma pessoa, pelo pecado, se torna réu de ser separada do convívio da cidade de Deus” (Suppl. 9, 99, 1). Lembremo-nos sempre que o pecado é uma ofensa feita à infinita majestade divina. A gravidade da ofensa se mede também pela dignidade do ofendido. A mesma ofensa, feita contra um cidadão qualquer, ou contra um rei, ou contra Deus, possui gravidade diversa.

Não há dúvida, concedemo-lo de bom grado, existem aspectos misteriosos na doutrina cristã do inferno. Mas quem compreende a vocação natural e sobrenatural de todos os homens, quem conhece a necessidade, o valor e o risco da liberdade, quem procurou penetrar na natureza do pecado grave consciente e deliberadamente perpetrado, quem se deu conta da necessidade de um limite do tempo de prova, verificará que o aspecto mais misterioso não é propriamente a existência do inferno, nem sua eternidade, mas o triste fato de existirem seres racionais que, não obstante, abusam da sua liberdade para enfrentar a eventualidade do inferno. O verdadeiro problema, a dificuldade principal, está na existência da culpa grave consciente e livremente cometida por uma criatura de Deus! Como e por que permite Deus que sua criatura racional, o homem, possa, desgraçadamente, decidir-se para a culpa grave? Eis aí a verdadeira raiz do mistério do inferno. E exatamente este problema existe também para os negadores do inferno. Pois ninguém pode racionalmente contestar a existência do pecado grave e livremente cometido pelo homem e, por conseguinte, existe para todos o indicado e insolúvel problema. O próprio Allan Kardec indaga dos “espíritos”: “Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?” E a resposta do “além” se resolve num apelo ao mistério: “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios?” (*O Livro dos Espíritos*, 22ª ed. p. 94).



## O SENTIDO DO "ETERNO".

*Mas a palavra "eterno", na Sagrada Escritura, significa "duração prolongada", e não "duração sem fim".*

Uma ou outra vez, com efeito, a palavra "eterno" ocorre no sentido de "duração prolongada". Todavia, o sentido óbvio e primário desta palavra é de "duração sem fim", e é neste sentido que ela deve ser entendida sempre que no texto ou contexto não houver motivo de limitação. Ora, no Novo Testamento esta palavra ocorre 71 vezes e apenas em dois casos tem significação duvidosa. Mas quando Jesus diz: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo *eterno*" (Mt 25, 41), temos, pelo próprio contexto, certeza que, no caso, esta palavra é tomada no sentido de "duração sem fim". Pois logo continua Nosso Divino Mestre: "E irão estes para o suplício *eterno*; os justos, porém, para a vida *eterna*" (Mt 25, 45), estabelecendo, portanto, um perfeito paralelo entre a sorte dos justos (que é de "vida *eterna*") e a sorte dos maus (que é de "suplício *eterno*"): uma e outra é simplesmente "eterna". Ora, ninguém ainda inventou dizer que a vida *eterna* dos justos não seria de duração sem fim; logo também o suplício *eterno* dos maus é igualmente de duração sem fim. Pois é lei fundamental de qualquer hermenêutica que a mesma palavra, na mesma proposição e em idêntico contexto, deve ser tomada também no mesmo sentido. — Temos ainda outra consideração a fazer: segundo Mt 18, 8 disse Nosso Senhor: "Melhor te é entrar na vida com um pé ou uma mão, do que, tendo duas mãos e dois pés, ser lançado no fogo *eterno*". Ora no texto paralelo de Mc 9, 42-47 esta mesma palavra "eterno" é três vezes circunscrita com a seguinte locução: "... do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo *inextinguível*, onde o seu verme não morre, nem o fogo se apaga". Aí damos com uma verdadeira definição do sentido em que Cristo entendia a palavra "eterno" quando a aplicava ao inferno. — Já São João Batista falará do "fogo *inextinguível*" (Mt 3, 12; Lc 3, 17). Também os Apóstolos entenderam assim a doutrina de Jesus: em 2 Tes 1, 9 declara São Paulo que aqueles que não obedecem ao Evangelho, "serão punidos com a perdição *eterna*, longe da face

do Senhor e da glória do seu poder”; e em Hbr 10, 26-31 ensina: “Se nós pecamos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade, não resta mais vítima pelos pecados, mas uma esperança terrível do juízo e o ardor do fogo que há de devorar os adversários”; e acrescenta: “E’ coisa horrenda cair nas mãos de Deus Vivo!” Por isso vê São João Evangelista o inferno como uma “segunda morte” (Apoc 19, 20; 20, 10-14; 21, 8): “Mas pelo que toca aos incrédulos, e aos execráveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte está no tanque ardente do fogo e de enxofre: o que é a segunda morte” (21, 8), “e o fumo de seus tormentos se levantará pelos séculos dos séculos, sem que tenham descanso algum, nem de dia nem de noite” (14, 11); “serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (20, 10).

### CULTO EXTERNO.

*Jesus não tinha liturgia, ele era inimigo das fórmulas ocultas; das exterioridades; ele queria um culto íntimo, o do coração; ele rejeita ritos exteriores; ele quer uma religião sem padres e sem altares, e não admite outro templo senão a alma. — Cristo, ao que sei, não autorizou nenhum culto particular, mas apenas estabeleceu a sua Igreja viva e palpante de amor, e o seu maior esforço foi ensinar aos homens um culto interno, que, como disse Allan Kardec, sobe diretamente do coração a Deus, sem intermediários e sem práticas exteriores.*

Temos aí uma série de afirmações jogadas contra nós, sem comprovação nenhuma, sem nada documentar e mesmo sem refletir seriamente. Afirma-se por afirmar e apenas por fazer dificuldades. Acompanhemos, todavia, as incursões espíritas no campo da liturgia, examinando por partes as objeções e acusações:

1) *Jesus não tinha liturgia?* Nunca acompanhou o nosso espírito a vida de Jesus! Jamais meditou sobre o modo como Jesus rezava: “Posto de joelhos, rezava” (Lc 22, 41),

diz o Evangelista; ou: “Caiu de face em terra e orou” (Mt 26, 39). “E, levantando-se de manhã muito cedo, antes do romper da aurora, foi-se a um lugar solitário, e ali orava” (Mc 1, 35); “tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar” (Lc 9, 28). Ou então: “Com os olhos no céu, abençoou e partiu os pães” (Mc 6, 41). E a solene liturgia da última ceia, depois da cerimônia do lava-pés: “Enquanto estavam a cear, tomou Jesus o pão, benzeu-o, partiu-o e deu-o a seus discípulos... depois tomou o cálice, deu graças e lho apresentou” (Mt 26, 26 s); e o Evangelista acrescenta: “Em seguida recitaram o hino”. Outra vez assoprou sobre os discípulos e disse-lhes: “Recebi o Espírito Santo” (Jo 20, 22). Quando subiu ao céu, “levantando suas mãos, abençoou os Apóstolos. E enquanto os abençoava, elevava-se ao céu” (Lc 24, 50 s). A cura do surdo-mudo foi assim: “Tirando-o dentre o povo e tomando-o de parte, meteu-lhe os seus dedos nos ouvidos, e cuspido, pôs-lhe da sua saliva sobre a língua. E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe: *Ephetha*, que quer dizer: Abre-te” (Mc 7, 43 s). E deste modo deu a vista ao cego de nascença: “Cuspiu na terra, fez lodo com a saliva, untou com o lodo os olhos do cego e disse-lhe: Vai lavar-te no tanque de Siloé” (Jo 9, 6 s). — Também os Apóstolos, que aprenderam na escola de Jesus, tinham suas cerimônias externas: “Ungiam com óleo muitos enfermos, e os curavam” (Mc 6, 13); “batizavam com água” (At 2, 41) “para a remissão dos pecados” (At 2, 38); impunham as mãos (At 8, 17); distribuíam o pão eucarístico (Cf. 1 Cor 11); reuniam-se para cantar e rezar; até valiam-se de reliquias para fazer milagres: “Deus operava milagres extraordinários por mão de Paulo. Até os seus lenços e aventais que tinham tocado no seu corpo se aplicavam aos enfermos, e as moléstias fugiam deles e os espíritos malignos saíam” (At 19, 12). Não se pode, portanto, afirmar que Cristo era inimigo das cerimônias e dos ritos externos.

2) *Jesus era inimigo das fórmulas ocas?* Isso é verdade. Fórmulas ocas, cerimônias sem sentido, meras exterioridades, feitas até com um espírito farisaico, só para que outros

as vejam, tudo isso é sem dúvida condenável, tudo isso não receberia o beneplácito de Cristo, como não recebe também a aprovação da Igreja. E é, infelizmente, verdade que há gente que se diz católica e que ao menos dá a impressão de procurar apenas exterioridades, que fazem ou melhor arredam o sinal da cruz e se ajoelham por forma tal que mostram a todo o mundo que não pensam ou não sabem o que fazem. Mas nem todos são assim. Seria injusto acusar todos os católicos de meras exterioridades e de puro fari-saísmo.

3) *Jesus queria um culto íntimo, o do coração?* A atitude da alma, a elevação da mente, o pensamento concentrado em Deus ou nas verdades divinas, os afetos puros do coração, a compunção da alma, a decisão da vontade, tudo isso é íntimo, é "do coração" e é sem dúvida o principal. É como que a alma da nossa oração e do nosso culto a Deus. Faltando esses elementos internos, teríamos um culto sem alma, vazio, sem valor e até pecaminoso. Têm razão os espíritas, quando reclamam estes elementos internos. Mas não é nenhuma novidade. A Igreja sempre o proclamou. Entretanto, essa parte interna e principal não proíbe a externa e secundária, como a alma não exclui o corpo.

4) *Jesus rejeitou os ritos externos?* Não é verdade. Já vimos isso no primeiro ponto. O nosso espírito não conhece a vida de Cristo. E a própria razão humana nos diz que é sumamente conveniente também a parte externa do nosso culto a Deus. Pois o homem não é apenas espírito, mas um composto de alma e corpo e é por isso conveniente que ele todo, de alma e corpo, cultue a Deus. Ademais, a nossa alma está de tal modo unida ao corpo que ela só é capaz de conhecer mediante as impressões que lhe vêm através dos sentidos e só pode externar-se por meio de sinais sensíveis e externos. E muitas vezes os atos externos, feitos com a devida piedade, tornam mais intensos os próprios atos internos da alma. Rezar como Cristo, "posto de joelhos" (Lc 22, 41), ou "de face em terra", pode suscitar em nossa alma afetos que de outra maneira seriam muito difíceis.

5) *Jesus queria uma religião sem padres? Nem isso é verdade. Mostra outra vez o desconhecimento do Evangelho. Jesus consagrou a parte principal de sua atividade pública a escolher e educar doze dentre seus discípulos, os Apóstolos, com o fito de prepará-los para exercerem o ministério pastoral. Prometeu-lhes o poder de governar, ensinar e santificar, como já vimos ao falar da Igreja de Cristo. Os Apóstolos, por sua vez, instituíram diáconos, presbíteros e bispos e, já no fim do primeiro século, encontramos uma organização bastante desenvolvida e perfeita, como podemos verificar na literatura pós-apostólica.*

## **A PRIMEIRA FINALIDADE DO MOVIMENTO ESPIRITA.**

*Por que o clero romano teme o Espiritismo? Ele não se encaminha e não se propõe a matar a fé nos corações dos crentes de qualquer religião, e nem a aliciá-los para as suas fileiras, mas, sim, servi-los e amá-los acima de qualquer bandeira sectarista.*

Em vista das obras, revistas, jornais e outros panfletos espíritas que possuímos e lemos, permitam-nos os espíritas que duvidemos da sinceridade de semelhantes declarações de amor e respeito. Mais adiante, sob o título "inocentes espíritas", tornaremos a este ponto. Focalizemos por ora a primeira finalidade de todo o movimento espírita aqui no Brasil.

Se abirmos os estatutos da Federação Espírita Brasileira, encontraremos logo no capítulo 1, artigo 1, § 1 sua primeira finalidade, que é: "O estudo teórico, experimental e prático do Espiritismo, a observância e a propaganda ilimitada de seus ensinõs, por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada". Não está claro assim? A primeira e professada finalidade da Federação Espírita Brasileira é a propaganda ilimitada da doutrina espírita, "por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada". Ora, todos aqueles que conhecem a doutrina espírita, assim como está nas obras de Allan Kardec, Leão Denis e outros autores reconhecidos pelos nossos espíritas, concederão sem mais que ela é *reen-carnacionistas* e por isso mesmo nega e deve contestar ló-

gicamente boa parte da Doutrina Cristã, como a ressurreição da carne, a unicidade da vida terrestre, o juízo particular depois da morte, o céu, o inferno, a nossa redenção por Cristo, etc. A doutrina espírita é também racionalista e por isso rejeita tudo o que transcende ou supera as capacidades intelectuais da limitada razão humana, como o augusto mistério da SS. Trindade, a Divindade de Jesus, a instituição divina da Igreja, os Sacramentos, a Graça Divina, toda a doutrina cristã do Sobrenatural, etc., em suma, como muito acertadamente declararam os Bispos do Brasil, "todas as verdades de nossa santa fé". Por conseguinte, e em outras palavras, a primeira e professada finalidade da Federação Espírita Brasileira, segundo seus estatutos, é propagar, "por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada", a negação de todas as verdades de nossa santa fé. E onde querem fazer esta "propaganda ilimitada"? Evidentemente nos meios católicos do Brasil, uma vez que 94% do nosso povo, oficialmente perguntado, professa ser católico. Têm, pois, os espíritas como fim primário de suas atividades anunciar aos católicos do Brasil que a Bíblia está repleta de erros e contradições, que em Deus não há Três Pessoas, que Jesus não é Deus, mas apenas um grande médium, que Cristo não ensinou nem a existência do céu nem a do inferno, que anjos e demônios não existem, que os Sacramentos foram inventados pela Igreja para ganhar dinheiro, que a Igreja Católica é a maior aberração do Cristianismo, etc. etc.

Em 1953 a mesma Federação Espírita Brasileira publicou os "Preceitos Gerais pró-unificação do Espiritismo nacional e Norma de Estatutos para Sociedades Espíritas". De acordo com estas normas toda entidade espírita que quiser aderir à Federação, deverá consignar, nos estatutos, como primeira finalidade o seguinte: "O estudo do Espiritismo e a propaganda ilimitada de seus ensinamentos doutrinários, por todos os meios que oferece a palavra escrita, falada e exemplificada" (p. 18). Não está claro também isso?

E se nos dermos ao trabalho de recortar do *Diário Oficial* os estatutos (ou resumos deles) dos vários Centros Espíritas registrados, chegaremos, mais uma vez, à conclusão

que todos eles têm a primeira finalidade de propagar a Doutrina Espírita, isto é, aquela doutrina que nega todas as verdades de nossa santa fé. Eis alguns exemplos:

*Centro Espirita Filhos de Deus:* “Tem por fim: a) o estudo teórico, experimental e prático do Espiritismo, a observância e a propaganda do seu ensino, baseada nas obras da codificação kardeciana, por todas as maneiras que oferece a palavra escrita e falada”. Não está claro também isso?

*Congregação Espirita Maria dos Anjos:* “Tem por fim: a) o melhoramento moral de seus associados pelo estudo teórico e experimental, propagando por todas as formas e meios possíveis a doutrina Espírita”. Também aqui, tudo muito claro. E chamamos a atenção particularmente ainda para o nome ou título da entidade espírita. Saberão aqueles espíritas o que significa “Maria dos Anjos”?...

*Casa de Caridade Nossa Senhora das Graças:* “Tem por fim: 1) o estudo das ciências ocultas, da filosofia espiritualista e das forças desconhecidas do homem e da natureza”. — E a isso chamam de “Casa de Caridade”! E lhe dão como titular “Nossa Senhora das Graças”! Eles, os espíritas, que não acreditam nas graças e muito menos que Maria Santíssima é a “Senhora das graças”, nem que ela seja “Nossa Senhora”. Por que tudo isso? Apenas para engodo, para atrair os católicos, em suma, para enganar.

E assim por diante. Poderíamos citar centenas de outros exemplos recortados do *Diário Oficial*. E sempre de novo a mesma coisa: propagar de todo jeito que Cristo não é Deus, que não há Santíssima Trindade, etc. etc.

E não era justo que os católicos reagissem contra isso? Em vista disso não podemos acreditar naquelas palavras, citadas inicialmente, isto é: que o Espiritismo “não se encaminha e não se propõe a matar a fé nos corações dos crentes de qualquer religião e nem a aliciá-los para as suas fileiras”. Pois, como vimos, é precisamente esta a primeira e professada finalidade de todas as entidades espíritas, mesmo daquelas que se encobertam sob o nome de “Casa de Caridade Nossa Senhora das Graças” e quejandos.

Foi para esclarecer os católicos sobre tudo isso que o Episcopado determinou uma Campanha Nacional de Esclarecimento dos Católicos sobre o Espiritismo.

## AS RAZÕES DE UMA CAMPANHA.

*Desejamos lançar uma interrogação ao clero romano e aos adversários do Espiritismo: Por que o perseguem com tanto afã, buscando deturpar-lhe os fundamentos? Por que se preocupa o clero com a sua propagação em escala ascendente, e contra ele se fere em arremetidas vãs, na estulta pretensão de extingui-lo? Por que são escalados ilustres e cultos pregadores da Igreja Romana, não para estimular os católicos a permanecerem fiéis ao culto da fé católica, mas, sim, para escaldar a Doutrina Espirita, exibindo-a mutilada e adulterada em seus princípios, no eterno vezo de maldosas inversões?*

E outra vez lemos: *Achamos justo e louvável até a atitude do Episcopado em promover uma campanha de esclarecimento, mas esclarecer o que é a Doutrina Católica. Quer esclarecer o que é a sua própria Doutrina com ataques às doutrinas alheias, é demonstrar falta de argumentos próprios. Que se limite a Igreja de Roma em mostrar as belezas da sua Doutrina, e os fiéis inteligentes e estudiosos saberão distinguir onde há luzes e onde há trevas...*

E' exatamente isso o que geralmente faz a Igreja: limita-se a expor as belezas da Doutrina Cristã. E não apenas os inteligentes e estudiosos, mas até os menos favorecidos pela inteligência e pelos estudos, inclusive analfabetos, podem facilmente ver as reais belezas desta incomparável doutrina. E se, principalmente nos meios menos esclarecidos, ninguém disseminasse, "por todos os modos e maneiras possíveis, pela palavra falada e escrita", a dúvida, o erro, a heresia, a desobediência e a confusão, a Igreja certamente se limitaria à exposição singela, simples e pacífica das encantadoras doutrinas que ela recebeu de Cristo com a ordem expressa de levá-la a todos os povos. Mas a realidade é bem diferente. Já o próprio Cristo advertiu os Apóstolos que o inimigo tudo



faria para dispersar a grei que o Senhor queria una, que os lobos viriam vestidos em pele de ovelha, que o anjo das trevas se apresentaria lisongeiro como anjo da luz, que o "inimicus homo" aproveitaria as sombras da noite e a desprevenção dos homens que dormem para espargir o erro e o vício, que, em suma, as "portas do inferno" tudo fariam para prevalecer contra a sua Igreja. Por isso a luta entre o reino de Deus e as forças das trevas já começou no tempo de Jesus. Ao lado de Cristo já aparece o Anticristo, servindo-se de homens como de seus instrumentos (e jamais faltaram pessoas humanas que se puseram à disposição do inimigo de Cristo!). Quem acompanha os atos e as epístolas dos Apóstolos, verificará facilmente que eles cuidavam sobretudo e com desusada energia da pureza da fé e da integridade da doutrina que Cristo lhes ensinara e que eles deviam levar a todos os povos, "ensinando-os a observar *tudo* o que eu vos tenho mandado" (Mt 28, 19). Em parte nenhuma Cristo ordenou que, de sua doutrina, se conservasse *apenas a parte moral*, como querem à viva força os espiritas.

Por isso a posição da Igreja frente ao Espiritismo é clara: ela insiste em fazer saber a todos os católicos que, se quiserem continuar fiéis a Cristo, não podem aderir ao Espiritismo, nem frequentar suas sessões, nem ler seus livros, nem cooperar direta ou indiretamente em sua difusão ou propaganda. Não foi arbitrária, nem precipitada, nem leviana esta decisão. A Igreja foi levada a isso por razões poderosíssimas. Pois o Espiritismo, em sua evocação dos espíritos, não apenas se revolta contra Deus, que severamente e repetidas vezes proibiu semelhantes práticas, mas, em sua doutrina, também se revolta contra Cristo, negando todas as verdades sobrenaturais por Ele reveladas.

Os defensores do Espiritismo insistem em declarar que também eles afirmam a existência de Deus, sustentam a sobrevivência e a imortalidade da alma e pregam a absoluta necessidade de socorrer o próximo. Congratulamo-nos com todos os espíritos que ainda aceitam a existência dum Deus pessoal e distinto do mundo (pois outros muitos já resvalaram para um perfeito panteísmo, mesmo nas fileiras karde-

cistas, à frente deles Leão Denis e, ultimamente, Pietro Ubaldi); aplaudimos o afã dos espíritas em proclamar a sobrevivência e a imortalidade da alma; louvamos o esforço dos espíritas em anunciar a necessidade de ajudar os desamparados. Mas não está aí a acusação da Igreja contra o Espiritismo. Não condenamos o Espiritismo porque defende os princípios fundamentais do espiritualismo, mas porque nega os princípios básicos do Cristianismo. Não rejeitamos o Espiritismo porque afirma a existência de Deus, mas porque não quer admitir o Deus Uno e Trino, tal como Ele mesmo se nos revelou. Não denunciemos a Doutrina Espírita porque reconhece em Cristo um grande enviado de Deus, mas porque não quer dobrar seus joelhos para adorar o Unigênito Filho de Deus. Não guerreemos o Espiritismo porque insiste na necessidade de socorrer os desamparados, mas porque propaga que basta a filantropia somente, chegando a negar a virtude da fé em todas as ordens, mensagens e doutrinas de Cristo.

O Espiritismo é acusado de negar e ridicularizar a nossa fé na divindade de Cristo.

O Espiritismo é acusado de zombar da nossa fé no augusto mistério da Santíssima Trindade.

O Espiritismo é acusado de mofar dos Livros Sagrados da Bíblia, inclusive do Novo Testamento.

O Espiritismo é acusado de contestar toda uma longa série de verdades claramente ensinadas por Cristo, como a ressurreição da carne, o céu, o inferno, etc.

E — o que é pior — o Espiritismo é acusado de querer espalhar e propagar justamente todas estas negações, “por todos os modos e maneiras possíveis”, precisamente nos meios católicos.

Não podem os espíritas sinceros negar a existência de uma tremenda confusão católico-espírita. Por todo este vasto Brasil aumenta constantemente o número daqueles que se dizem católicos, que vão à Igreja, que reclamam os Sacramentos e que até mesmo são membros de Associações Religiosas e, não obstante, querem ser também espíritas, frequentam suas sessões e tentam conversar com os “desencarnados”. E não apenas isso. E' comum ouvir destas mesmas

peças não haver oposição entre Catolicismo e Espiritismo: pensam de boa fé que podem continuar católicos e praticar a evocação dos mortos e aderir ao Espiritismo. Existe, portanto, confusão. Confusão por ignorância. Confusão por falta de esclarecimento. E como os propagandistas do Espiritismo não se encarregaram por si de anunciar logo e claramente a todos aqueles que costumam frequentar suas sessões, que eles, se quiserem ser espíritas, não podem continuar católicos, era necessário que as Autoridades Eclesiásticas tomassem a iniciativa e mostrassem aos fiéis a eles confiados o caráter negativista da Doutrina Espírita. Isto é: em vista desta confusão inegavelmente existente, impunha-se a necessidade de uma campanha sistemática de esclarecimento dos católicos sobre o Espiritismo. E foi exatamente isso o que os Bispos do Brasil resolveram fazer. Nada mais. Não visamos perseguir os espíritas, nem queremos tirar a liberdade religiosa de quem quer que seja e muito menos queremos apressar o desencarne de algum espírita.

A campanha de esclarecimentos dos católicos sobre o Espiritismo não é nenhuma intervenção indébita. A Igreja tem o direito de esclarecer seus fiéis. Não queremos obrigar os católicos, contra sua vontade, a permanecer na Igreja. Nem visamos forçar os espíritas a retornar à casa paterna. Respeitamos a liberdade. A fé na mensagem integral de Cristo deve ser um ato livre. Quem não quiser, não precisa seguir a Cristo e crer em sua mensagem; mas nem por isso deixamos de repetir-lhe a palavra de Jesus: "Quem não crer será condenado" (Mc 16, 16). Mas o que não pode continuar, e isso em nome da própria razão humana e do bom senso, é que uma e a mesma pessoa seja ou queira ser, ao mesmo tempo, católica e espírita. E' contra isso que reagimos.

### INOCENTES \_ESPIRITAS...

*Não é de nosso feitio atacar religião alguma e se muitas vezes agimos em desacordo com os nossos princípios, é pela simples razão de sermos atacados em primeiro lugar... Se o ilustre Frei Boaventura quiser ser verdadeiro, se seu espírito*

*de justiça for uma realidade, há de convir que o Espiritismo está sempre na defensiva.*

Temos aqui duas afirmações muito características para os nossos espíritas e que são por eles inúmeras vezes repetidas: 1) que os espíritas “não atacam religião alguma”, mas que “respeitam todas as crenças” e 2) que eles estão sempre sendo atacados em primeiro lugar e portanto estão “sempre na defensiva”. Examinemos isso.

1) *Os espíritas respeitam todas as religiões?* Falemos apenas do modo como eles acatam a Religião Católica, que é a de mais de 90% dos brasileiros. E poderíamos encher páginas sem fim, com textos de Allan Kardec e de outros mestres espíritas, dos mais sérios, para mostrar como eles “respeitam” a Doutrina Católica: Contestam, negam e ridicularizam absolutamente todos os pontos fundamentais da fé cristã, a começar pelo augusto mistério da Santíssima Trindade, pela Divindade de Cristo nosso Senhor, pela inspiração divina da Sagrada Escritura, etc. etc. Allan Kardec escreve que “o Espiritismo não discute dogmas”; realmente, não discute: apenas nega e ridiculariza. Ainda há pouco declarava, em artigo redacional e voz profética, a *Revista Internacional do Espiritismo* (Agosto de 1952, p. 126): “A Religião será o culto a Deus com o amor ao próximo. Dogmas, sacramentos, cultos externos serão queimados, como varas secas, no fogo ateado pelo Espiritismo”. E a isso eles chamam de “respeitar todas as crenças”...

Disse Kardec, e seus sequazes repetem: “O Espiritismo não combate ninguém”. Poderíamos tornar a apresentar páginas numerosas, tiradas do mesmo senhor Allan Kardec, de Leão Denis, de Carlos Imbassahy, de Chico Xavier e de outros livros publicados pela Federação Espírita Brasileira, em que falam da Igreja, dos Papas, dos Bispos e Padres em termos violentíssimos. Lendo estes livros, a gente tem a impressão de que o maior prazer dos espíritas consiste em falar mal da Igreja, inventando histórias, caluniando Papas e transformando mosquitos em elefantes. Mas silenciam os heróis cristãos e os Santos da Igreja, ignoram suas grandiosas atividades educativas, caritativas, sociais e missionárias. Quando falam das autoridades eclesiásticas, vêem apenas má vontade, ga-

nância, sede de prazeres e de domínio. A Igreja Católica é, no conceito deles, de todas as religiões, “a mais tirana”, “a mais negociasta, a mais materialona, a mais imoral”. E “a prova de sua imoralidade está na proibição do casamento aos seus clérigos, aos seus padres, frades e freiras, inutilizando-os para o mais sagrado dos deveres, a reencarnação”; para eles a Igreja Católica é uma “religião de mentiras bufas”, “seita negociasta, ultraperversa, baseada num Deus material, à sua imagem diabólica”, “uma associação, quando muito, de idolatria, imitadores do paganismo grego e nada mais”, “o maior foco de todas as mentiras, de todas as vergonhas, de todas as misérias que se conhecem”, “seita ultralutrujona”, “diabolismo, monstruosidade sem igual”, “é a mais pulha, a mais lavradez, a mais assassina de quantas se conhecem”, etc. etc. — E a isso os espíritas chamam de “não combater ninguém”... E os padres? “Grandes bandidos”, “maldita casta”, “urubus de batina”, “figuras quixotescas e perversas”, “velhacos, choupins, urubuzada, masmorras de batina”, “tonsurados de má sorte”, “os mais perigosos homens”, “rédua de cavadores, corja de vadios”, “indivíduos sem escrípulos, malandros”...

Talvez não nos queiram acreditar e por isso, fugindo do nosso propósito inicial, citaremos alguns exemplos mais concretos. No jornal espírita kardecista do Rio, *Almenara*, Abril de 1954, p. 6, se faz referência às recentes decisões dos Bispos do Brasil a respeito do Espiritismo. E vem a pergunta: “Terão direito esses sacripantas de inferir deslavadamente na vida nacional, em nome de uma potência totalitária, com o apoio dos iscarotes tonsurados que vendem a honra e a dignidade da pátria ao preço de suas ambições?” E depois, no fascículo de Maio, p. 6: “A reunião dos bispos ditos brasileiros (a maioria deles é nimamente estrangeira) implica um verdadeiro atentado à pátria e à consciência dos brasileiros não escravizados ao Vaticano. As decisões desse colégio arbitrário de satanases de sotaina ou de iscarotes de batina merece o repúdio de quantos amam o seu país e desejam vê-lo livre do polvo de mil tentáculos da mais refinada hipocrisia farisaica”. Mais adiante, na mesma página, recorda

“os concílios imorais, o vaticano absorvente, os bispos ultramontanos, a padralhada impudica, o jesuitismo venenoso, a velhacaria entronizada em todos os ângulos da terra brasileira”. Tornando a lembrar-se dos nossos Bispos, chama-os de “arlequins desengonçados e cínicos”. Depois fala da Igreja, “da estercorária papalina, suja, negra, pestilencial, imunda”. Enfim vem “o renomado Dr. em Teologia Dogmática, Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M., o frenético e tolo agressor do espiritismo. Esse frei sem freios nos dentes nocivos e venenosos... ele mesmo procedente dos mais abjetos armazéns romanos, os que importam somente artigo deteriorado e da pior espécie”. E termina com uma ameaça: “Que não se atrevam os negros batalhões do clero-papista a sair do recesso de suas igrejinhas para agredir o nosso povo com a sua ousadia e insensatez...”

Além desse “frenético frei sem freios nos dentes nocivos e venenosos”, poderíamos citar 78 outros epítetos com que os espíritas nos brindaram, de acordo com todos os regionalismos do Brasil...

Oh! esses inocentíssimos espíritas! São uns santos: Não discutem dogmas; respeitam todas as religiões; não os move a vontade de combater ninguém; apenas querem amor, caridade, paz, alegria, benevolência, boa vontade, elevação moral, sinceridade de propósito, etc. etc....

2) *O Espiritismo está sempre na defensiva?* Já se vê pelo dito. Quem foi que começou no Brasil a espalhar pelo povo católico as mais insolentes calúnias contra a Igreja? Quem foi que espargiu por toda a parte a dúvida, a suspeita, a superstição e a incredulidade? Quem foi entre a nossa gente e aí semeou a prática da evocação dos mortos tão severamente proibida por Deus e por Ele qualificada de “abominação”, fomentando desta maneira a desobediência e a revolta contra o próprio Deus? Quem são esses que, do Norte ao Sul do Brasil católico, propagam os livros da Federação Espírita Brasileira e que procuram negar e ridicularizar todas as verdades de nossa santa fé? Quem são aqueles que por toda a parte onde há católicos levantam Centros, Tendas e Terreiros com nomes de Santos Católicos e que, não obstante, têm a professada finalidade de “queimar dogmas, sa-

cramentos e ritos externos"? Quem são estes que por aí afora proclamam querer apenas caridade para, ao mesmo tempo, arrancar dos corações a fé nos ensinamentos de Cristo? Quem são aqueles que citam com muita piedade alguns textos da Bíblia Sagrada para, ao mesmo tempo, negar sua inspiração divina? Quem são estes que parecem exaltar a augusta personalidade de Cristo e no entanto Lhe negam a Divindade, pela qual o mesmo Jesus morreu no alto da Cruz?

## RESSURREIÇÃO E JUÍZO FINAL.

*A ressurreição é um absurdo de ordem religiosa, filosófica e científica. Ela supõe a reunião neste planeta de todos os indivíduos que o habitavam, desde o seu começo, e habitarão até o último século, a fim de prestar contas de suas ações. Cumpre, desde logo, indagar onde ficarão morando as criaturas até o dia deste tribunal a que elas deverão comparecer ressuscitadas. E que papel estarão representando o Céu e o Inferno, se elas ainda não foram julgadas? E se já foram julgadas, o juízo final, na ressurreição, não passará de uma formalidade desnecessária, na melhor das hipóteses, e na pior, de refinada burla. Imagine-se agora todas as gerações, do começo da vida ao fim das eras, medidas em nosso pequeno orbe e no valesinho de Josafá. Calculemos que já existem regiões superlotadas, numa única geração; reúnam-se agora todas as pessoas, de todas as épocas; toda a gente que já nasceu e a que ainda nascer, até o termo dos séculos, meta-se isso num vale, e veja-se como será interessante a compressão de todos os povos neste mundículo, e neste valliculo, e teremos, muito longe, a idéia da sardinha enlatada... Há ainda a notar que os corpos se desfazem, se transformam, passam a constituir outros corpos, muitos dos quais deverão existir ao tempo do Juízo Final. Como se reunir as suas moléculas para comporem organismos extintos, será um misterioso prodígio da mágica divina. Estamos, portanto, diante de um fenómeno fantástico, filosoficamente incompreensível, geograficamente impossível, cientificamente inadmissível, a mais completa nega-*

*ção de um fato lógico. Pois isto é tudo o que os eminentes teólogos opõem à doutrina das vidas sucessivas.*

Vê-se que é assaz manifesto o empenho do autor espírita em ridicularizar a doutrina cristã acerca da ressurreição e do juízo final. Não se nota nem um mínimo vestígio sequer de algum esforço sincero por compreender estes ensinamentos cristãos. A má vontade e a irreverência é evidente e irritante. Vejamos sumariamente o que de fato ensina a doutrina cristã.

1) Dizemos, com efeito, que todos os homens, bons e maus, bem-aventurados ou condenados, hão de ressuscitar com seus próprios corpos. “Virá a hora — ensina Cristo — em que todos os que jazem nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus e ressurgirão para a vida os que praticaram o bem e ressurgirão para a condenação os que praticaram o mal” (Jo 5, 28-29). Outra vez Cristo defende a ressurreição contra as objeções ridículas dos saduceus (Mt 22, 23-33). Também os Apóstolos pregam clara e abertamente a ressurreição (cf. At 4, 2; 17, 18. 32; 23, 6 ss; 24, 15; 26, 6. 23; etc.). São Paulo dedica todo o longo capítulo 15 da primeira carta aos coríntios à defesa e à explicação da ressurreição. Em vista disso tudo aceitamo-la como uma verdade de fé, revelada por Deus. Não somos maniqueus. Defendemos a bondade intrínseca da matéria. Contra os exageros dos materialistas afirmamos e defendemos a existência e o primado do espírito; contra os extremos dos espiritualistas sustentamos o valor e a bondade intrínseca da matéria. Instrumento conatural da alma, à qual está unida substancialmente, é o corpo parte essencial deste todo que denominamos Homem.

A fé cristã ainda nos ensina que todos ressuscitarão *com seus próprios corpos*. E’ a questão da identidade dos corpos, que tanto intriga os espíritas. Mas eles procuram levá-la logo para uma identidade material absoluta, como se todos os átomos e moléculas que alguma vez já fizeram parte de nosso corpo, devessem retornar para formar o corpo ressuscitado! Nenhuma palavra da Sagrada Escritura, nenhum documento oficial da Igreja nos obrigam a ir até este extremo. Basta evidentemente uma identidade material



relativa. O nosso espírita conhece provavelmente o fenómeno biológico do metabolismo. E' indiscutível em biologia que o corpo humano, pela continua assimilação e desassimilação das substâncias, de tempo em tempo (já dizem que é de ano em ano), se renova inteiramente, de tal modo que os átomos ou as moléculas que anos atrás integravam o nosso corpo, já hoje estão totalmente substituídos por outros. Não obstante, costumamos dizer — e com muita razão, sem ofender à ciência — que o nosso corpo de hoje é o *mesmo* de dez anos ou vinte anos atrás. E' uma identidade material relativa, mas real. Portanto, para conservarmos uma verdadeira identidade corporal, não é necessário reter sempre os mesmos elementos materiais. A dispersão da matéria não impossibilita a identidade material do corpo humano. Por conseguinte, para garantirmos a identidade do corpo ressuscitado, não será preciso nenhum "misterioso prodígio da mágica divina", como vimos zombar o citado espírita.

2) Dizemos também que haverá um juízo final. E' Jesus Cristo quem no-lo descreve minuciosamente (Mt 25, 31-45). Mas Nosso Senhor não ensinou que seria no "valezinho de Josafá". Quanto ao lugar, Cristo diz apenas o seguinte: "E hão de reunir-se diante dele todos os povos". Onde? em que lugar? Não sabemos, pois Deus nada nos revelou a este respeito. Podem, todavia, os espiritas estar tranquilos: Nosso Senhor há de encontrar um lugarzinho para todos, sem perigo de ficarem demasiadamente apertados; se não for neste planeta, será num outro maior; talvez Júpiter já então esteja um pouco mais agradável... E os espiritas, quer queiram quer não, lá estarão, ou à direita, ou à esquerda. Não se iludam!

O irreverente espírita, que teme uma "refinada burla" por parte do divino juiz, quer saber se as almas já não foram julgadas anteriormente. Respondemos: foram, cada uma em particular, imediatamente depois da morte. Por que, então, mais uma vez, este julgamento solene e final? Respondemos: para manifestar a providência divina, a majestade de Cristo e a glória dos eleitos.

## I N D I C E

Resposta aos Espíritas .....	3
Os Mistérios dos Católicos .....	5
"Fé cega e imposta" .....	9
A livre Interpretação .....	13
"Todas as Religiões são boas?" .....	16
A Igreja de Cristo .....	20
São Pedro e o Papa .....	22
O Discurso do Bispo Strossmayer .....	25
A Infallibilidade do Papa .....	26
A "Pastoral" do Bispo de Juiz de Fora .....	30
O Index dos Livros Proibidos .....	32
Por que Taxas e Espórtulas .....	35
Como Cristo falou do Inferno .....	37
Mais uma passagem para os espíritas .....	40
Artilharia espírita contra o Inferno .....	41
O sentido do "eterno" .....	47
Culto externo .....	48
A Primeira Finalidade do Movimento Espírita .....	51
As Razões de uma Campanha .....	54
Inocentes espíritas .....	57
Ressurreição e Juízo final .....	61

